

# BUSHIDO

ALMA de SAMURAI



武士道

Inazo Nitobe



# **BUSHIDO**

# **ALMA DE SAMURAI**

POR

**INAZO NITOBÉ (1862 - 1933)**

Edição do autor, revisada e ampliada

Tradução de Robson Luis Nicolay

DEZEMBRO DE 1904  
AO MEU AMADO TIO  
TOKITOSHI OTA  
QUE ME ENSINOU A REVERER O PASSADO  
E  
A ADMIRAR OS FATOS DO SAMURAI  
DEDICO  
ESTE LIVRO  
Inazō Nitobe

*“Dessa maneira*

*Sobre a montanha, sobre a qual quem está,  
É capaz de duvidar se é realmente uma estrada;  
Embora se ele o veja a partir do próprio lixo,  
A linha vai para cima, plana da base até a testa,  
Não é vago, é confundível! O que é uma pausa ou duas  
Visto do deserto ininterrupto de ambos os lados?  
E então (para trazer uma nova filosofia)  
E se as próprias quebras finalmente provassem  
O mais consumado dos artifícios*

*Para treinar o olho de um homem, ensinar-lhe o que é fé?”*

*[Robert Browning , Desculpas do Bispo Blougram]*

*“Existem, se assim posso dizer, três espíritos poderosos, que  
de tempos em tempos se movem sobre a superfície das águas e  
dão um impulso predominante aos sentimentos morais e às  
energias da humanidade. Estes são os espíritos da liberdade,  
da religião e da honra.”*

*[Hallam, Europa na Idade Média]*

*“O cavalheirismo é em si a poesia da vida.”*

*[Schlegel, Filosofia da História]*

# PREFÁCIO

Há cerca de dez anos, enquanto passávamos alguns dias sob o teto hospitaleiro do ilustre jurista belga, o lamentado Sr. de Laveleye, a nossa conversa voltou-se, durante uma das nossas divagações, para o tema da religião. “Você quer dizer”, perguntou o venerável professor, “que não há instrução religiosa em suas escolas?” Quando respondi negativamente, ele parou subitamente, surpreso, e com uma voz que não esquecerei facilmente, repetiu: “Sem religião! Como você transmite educação moral?” A pergunta me surpreendeu na época. Não pude dar uma resposta pronta, pois os preceitos morais que aprendi na minha infância não foram dados nas escolas; e só quando comecei a analisar os diferentes elementos que formavam minhas noções de certo e errado é que descobri que foi o Bushido quem os soprou em minhas narinas.

A origem direta deste pequeno livro deve-se às frequentes perguntas feitas por minha esposa sobre as razões pelas quais tais e tais idéias e costumes prevalecem no Japão.

Nas minhas tentativas de dar respostas satisfatórias ao Sr. de Laveleye e à minha esposa, descobri que sem compreender o Feudalismo e o Bushido<sup>[1]</sup>, as ideias morais do Japão são como um livro lacrado.

Aproveitando a ociosidade forçada por causa de uma longa doença, anotei na ordem agora apresentada ao público algumas das respostas dadas em nossas conversas domésticas. Elas consistem principalmente no que me ensinaram e disseram na minha juventude, quando o feudalismo ainda estava em vigor.

Entre Lafcadio Hearn e a Sra. Hugh Fraser, de um lado, e Sir Ernest Satow e o Professor Chamberlain, do outro, é de fato desanimador escrever qualquer coisa japonesa em inglês. A única vantagem que tenho sobre eles é que posso assumir a atitude de um réu pessoal, enquanto esses ilustres escritores são, na melhor das hipóteses, solicitadores e advogados.

Muitas vezes pensei: “Se eu tivesse o dom da linguagem, apresentaria a causa do Japão em termos mais eloquentes!” Mas alguém que fala numa língua emprestada deveria ficar grato de conseguir tornar-se inteligível.

Ao longo do discurso tentei ilustrar quaisquer pontos que apresentei com exemplos paralelos da história e da literatura europeias, acreditando que estes ajudariam a aproximar o assunto da compreensão dos leitores estrangeiros.

Se alguma das minhas alusões a assuntos religiosos ou a trabalhadores religiosos for considerada depreciativa, confio que a minha atitude em relação ao próprio Cristianismo não será questionada. É pelos métodos eclesiásticos e pelas formas que obscurecem os ensinamentos de Cristo, e não pelos próprios ensinamentos, que tenho pouca simpatia. Acredito na religião ensinada por Ele e que nos foi transmitida no Novo Testamento, bem como na lei escrita no coração. Além disso, acredito que Deus fez um aliança que talvez seja chamado de “velha” com todos os povos e nações, gentios ou judeus, cristãos ou pagãos. Quanto ao resto da minha teologia, não preciso impô-la à paciência do público.

Ao concluir este prefácio, desejo expressar meus agradecimentos à minha amiga Anna C. Hartshorne pelas muitas sugestões valiosas e pelo design caracteristicamente japonês feito por ela.

Inazō Nitobe.

*Malvern, Pensilvânia, décimo segundo mês, 1899.*

# PREFÁCIO À DÉCIMA EDIÇÃO REVISADA

Desde a sua primeira publicação na Filadélfia, há mais de seis anos, este pequeno livro teve uma história inesperada. A reimpressão japonesa já teve oito edições, sendo esta a sua décima publicação na língua inglesa. Simultaneamente, será publicada uma edição americana e inglesa, pela editora dos Srs. George H. Putnam's Sons, de Nova York.

Entretanto, *o Bushido* foi traduzido para marati pelo Sr. Dev, de Khandesh; para o alemão pela senhorita Kaufmann, de Hamburgo; para o boêmio pelo Sr. Hora, de Chicago; em polonês pela Sociedade de Ciências e Vida, em Lemberg, edição que foi censurada pelo governo russo. Agora está sendo traduzido para norueguês e francês. Uma tradução chinesa está sendo considerada. Um oficial russo, agora prisioneiro no Japão, tem um manuscrito em russo pronto para impressão. Uma parte do volume foi apresentada ao público húngaro e uma revisão detalhada, quase equivalente a um comentário, foi publicada em japonês. Notas acadêmicas completas para ajudar estudantes mais jovens foram compiladas por meu amigo, Sr. H. Sakurai, a quem também devo muito por sua ajuda de outras maneiras.

Fiquei mais do que satisfeito ao sentir que meu humilde trabalho encontrou leitores solidários em círculos amplamente separados, mostrando que o assunto é de algum interesse para o mundo em geral. Extremamente lisonjeira é a notícia que me chegou de fontes oficiais, de que o Presidente Roosevelt prestou uma honra imerecida ao lê-lo e distribuir várias dezenas de exemplares entre seus amigos.

Ao fazer emendas e acréscimos à presente edição, limitei-os em grande parte a exemplos concretos. Continuo a lamentar, como nunca deixei de lamentar, a minha incapacidade de acrescentar um capítulo sobre a Piedade

Filial, que é considerada uma das duas rodas da carruagem da ética japonesa – sendo a Lealdade a outra. A minha incapacidade deve-se mais à minha ignorância do sentimento ocidental em relação a esta virtude específica, do que à ignorância da nossa própria atitude em relação a ela, e não consigo fazer comparações satisfatórias em minha própria mente. Espero um dia aprofundar este e outros tópicos. Todos os assuntos abordados nestas páginas são passíveis de maior ampliação e discussão; mas agora não vejo claramente o caminho para tornar este volume maior do que é.

Este Prefácio seria incompleto e injusto se eu omitisse a dívida que tenho para com a minha esposa pela leitura das folhas de prova, pelas sugestões úteis e, acima de tudo, pelo seu constante encorajamento.

Inazō Nitobe.

*Kyoto, quinto mês, vigésimo segundo, 1905.*

# SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Prefácio à Décima Edição Revisada](#)

[Bushido como sistema ético](#)

[Fontes do Bushido](#)

[Retidão ou Justiça](#)

[Coragem, o espírito de ousadia e tolerância](#)

[Benevolência, o sentimento de angústia](#)

[Polidez](#)

[Veracidade ou Veracidade](#)

[Honra](#)

[O dever de lealdade](#)

[Educação e Treinamento de um Samurai](#)

[Auto-controle](#)

[As instituições de suicídio e reparação](#)

[A Espada, a Alma do Samurai](#)

[A Formação e a Posição da Mulher](#)

[A influência do Bushido](#)

[O Bushido ainda está vivo?](#)

[O Futuro do Bushido](#)

# O BUSHIDO

# BUSHIDO COMO SISTEMA ÉTICO

A cavalaria é uma flor não menos nativa do solo japonês do que seu emblema, a flor de cerejeira; nem é um exemplar seco de uma virtude antiga preservada no herbário da nossa história. Ainda é um objeto vivo de poder e beleza entre nós; e se não assume nenhuma forma ou formato tangível, não deixa de cheirar a atmosfera moral e nos torna conscientes de que ainda estamos sob seu poderoso feitiço. As condições da sociedade que a gerou e a alimentou desapareceram há muito tempo; mas como aquelas estrelas distantes que já existiram e não existem, ainda continuam a lançar seus raios sobre nós, a luz da cavalaria, que foi filha do feudalismo, ainda ilumina nosso caminho moral, sobrevivendo à sua instituição mãe. É um prazer para mim refletir sobre este assunto na linguagem de Burke, que proferiu o conhecido e comovente elogio sobre o esquife negligenciado do seu protótipo europeu.

Argumenta um triste defeito de informação sobre o Extremo Oriente, quando um estudioso tão erudito como o Dr. George Miller não hesita em afirmar que a cavalaria, ou qualquer outra instituição semelhante, nunca existiu nem entre as nações da antiguidade nem entre os orientais modernos<sup>[2]</sup>. Tal ignorância, no entanto, é amplamente desculpável, já que a terceira edição da obra do bom Doutor apareceu no mesmo ano em que o Comodoro Perry estava batendo nos portais do nosso exclusivismo. Mais de uma década depois, mais ou menos na época em que o nosso feudalismo se encontrava nos últimos estertores da existência, Carl Marx, ao escrever o seu “O Capital”, chamou a atenção dos seus leitores para a vantagem peculiar de estudar as instituições sociais e políticas do feudalismo, bem como então, podia ser visto em forma viva apenas no Japão. Gostaria igualmente de convidar o estudante histórico e ético ocidental para o estudo da cavalaria no Japão do presente.

Por mais atraente que seja uma dissertação histórica sobre a comparação do feudalismo e a cavalaria europeus e japoneses, não é objetivo deste artigo abordá-la detalhadamente. A minha tentativa é antes relacionar, em primeiro lugar, a origem e as fontes da nossa cavalaria; em segundo lugar, o seu caráter e ensinamento; em terceiro lugar, a sua influência entre as massas; e, em quarto lugar, a continuidade e permanência da sua influência. Destes vários pontos, o primeiro será apenas breve e superficial, caso contrário terei de levar os meus leitores pelos caminhos tortuosos da nossa história nacional; o segundo será abordado mais detalhadamente, por ser o mais suscetível de interessar aos estudantes de Ética Internacional e Etologia Comparada os nossos modos de pensar e agir; e o resto será tratado como corolário.

A palavra japonesa que traduzi aproximadamente como Cavalaria é, no original, mais expressiva que Equitação. *Bu-shi-do* significa literalmente Caminhos dos Cavaleiros Militares – os caminhos que os nobres combatentes devem observar em sua vida diária, bem como em sua vocação; em uma palavra, os “Preceitos da Cavalaria”, a *noblesse oblige* da classe guerreira. Tendo assim dado seu significado literal, posso doravante usar a palavra no original. O uso do termo original também é aconselhável por esta razão: um ensinamento tão circunscrito e único, engendrando uma mentalidade e um caráter tão peculiar, tão local, deve ostentar em sua face o distintivo de sua singularidade; então, algumas palavras têm um timbre nacional tão expressivo das características raciais que os melhores tradutores podem fazê-las, mas escassa justiça, para não dizer injustiça e queixa positivas. Quem pode melhorar através da tradução o que significa o “*Gemüth*” alemão, ou quem não sente a diferença entre duas palavras verbalmente tão estreitamente aliadas como o *cavalheiro inglês* e o *gentilhomme francês*?

Bushido, então, é o código de princípios morais que os cavaleiros foram obrigados ou instruídos a observar. Não é um código escrito; na melhor das hipóteses, consiste em algumas máximas transmitidas oralmente ou provenientes da pena de algum guerreiro ou sábio conhecido. Mais frequentemente, é

um código não pronunciado e não escrito, possuindo ainda mais a poderosa sanção de um ato verdadeiro e de uma lei escrita nas tábuas carnis do coração. Não foi fundada na criação de uma mente, por mais capaz que fosse, ou na vida de um único personagem, por mais renomado que fosse. Foi o crescimento orgânico de décadas e séculos de carreira militar. Talvez preencha a mesma posição na história da ética que a Constituição inglesa ocupa na história política; no entanto, não teve nada que se comparasse à Carta Magna ou à Lei do *Habeas Corpus*. É verdade que no início do século XVII foram promulgados os Estatutos Militares (*Buké Hatto*); mas seus treze pequenos artigos tratavam principalmente de casamentos, castelos, ligas, etc., e os regulamentos didáticos eram apenas escassamente abordados. Não podemos, portanto, apontar qualquer hora e lugar definidos e dizer: “Aqui está o seu nascimento”. Somente quando atinge a consciência na era feudal é que a sua origem, no que diz respeito ao tempo, pode ser identificada com o feudalismo. Mas o próprio feudalismo é tecido com muitos fios e o Bushido partilha a sua natureza complexa. Tal como na Inglaterra se pode dizer que as instituições políticas do feudalismo datam da conquista normanda, também podemos dizer que no Japão a sua ascensão foi simultânea com a ascendência de Yoritomo, no final do século XII. Contudo, tal como na Inglaterra encontramos os elementos sociais do feudalismo já no período anterior a Guilherme, o Conquistador, também os germes do feudalismo no Japão já existiam muito tempo antes do período que mencionei.

Mais uma vez, tanto no Japão como na Europa, quando o feudalismo foi formalmente inaugurado, a classe profissional de guerreiros ganhou naturalmente proeminência. Estes eram conhecidos como *samurais*, que significa literalmente, como o antigo inglês *cniht* (knecht, cavaleiro), guardas ou atendentes – assemelhando-se em caráter aos *soldurii* que César mencionou como existindo na Aquitânia, ou aos *comitati*, que, segundo Tácito, seguiam os chefes germânicos em seu tempo; ou, para fazer um paralelo ainda posterior, os *milites medii* sobre os quais se lê na história da Europa medieval. Uma palavra sinico-japonesa *Bu-ké* ou *Bu-shi* (Cavaleiros Lutadores) também foi adotada de uso comum. Eles eram uma classe

privilegiada e devem ter sido originalmente uma raça rude que fez da luta sua vocação. Esta classe foi naturalmente recrutada, num longo período de guerra constante, entre os mais viris e os mais aventureiros, e enquanto o processo de eliminação prosseguia, os tímidos e os fracos eram separados, e restou apenas “uma raça rude, máscula e brutal”, para usar a frase de Emerson, sobrevivendo para formar famílias e as fileiras dos *samurais*. Passando a professar grandes honras e grandes privilégios, e correspondentemente grandes responsabilidades, logo sentiram a necessidade de um padrão comum de comportamento, especialmente porque estavam sempre em posição beligerante e pertenciam a clãs diferentes. Tal como os médicos limitam a competição entre si através da cortesia profissional, tal como os advogados participam em tribunais de honra em casos de etiqueta violada, também os guerreiros devem possuir algum recurso para o julgamento final dos seus delitos.

Jogo limpo na luta! Que germes férteis de moralidade residem neste sentido primitivo de selvageria e infância. Não é esta a raiz de todas as virtudes militares e cívicas? Sorrimos (como se já o tivéssemos superado!) diante do desejo juvenil do pequeno britânico, Tom Brown, “de deixar para trás o nome de um sujeito que nunca intimidou um menino ou deu as costas a um menino grande”. E, no entanto, quem não sabe que este desejo é a pedra angular sobre a qual podem ser erguidas estruturas morais de dimensões poderosas? Não posso chegar ao ponto de dizer que a mais gentil e mais pacífica das religiões endossa esta aspiração? Este desejo de Tom é a base sobre a qual a grandeza da Inglaterra é em grande parte construída, e não demorará muito para descobrirmos que *o Bushido* não está num pedestal inferior. Se a luta em si, seja ela ofensiva ou defensiva, é, como os Quakers corretamente testemunham, brutal e errada, ainda podemos dizer com Lessing: “Sabemos de quais falhas brota a nossa virtude”<sup>[3]</sup>. “trapaceiros” e “covardes” são epítetos do pior opróbrio para naturezas simples e saudáveis. A infância começa com essas noções, e a cavalaria também; mas, à medida que a vida se torna maior e as suas relações se tornam multifacetadas, a fé primitiva procura a sanção de uma

autoridade superior e de fontes mais racionais para a sua própria justificação, satisfação e desenvolvimento. Se os interesses militares tivessem operado sozinhos, sem maior apoio moral, quão longe da cavalaria teria caído o ideal da cavalaria! Na Europa, o cristianismo, interpretado com concessões convenientes à cavalaria, infundiu-lhe, no entanto, dados espirituais. *“Religião, guerra e glória eram as três almas de um cavaleiro cristão perfeito”*, diz Lamartine.

# FONTES DE BUSHIDO

No Japão houve várias fontes do Bushido, dentre as quais posso começar com o Budismo, que forneceu uma sensação de calma confiança no Destino, uma submissão silenciosa ao inevitável, aquela compostura estóica diante do perigo ou da calamidade, aquele desdém pela vida e amizade com a morte. Um importante professor de esgrima, quando viu seu aluno dominar ao máximo sua arte, disse-lhe: “*Além disso, minha instrução deve dar lugar ao ensino Zen*”. “Zen” é o equivalente japonês para Dhyâna, que “*representa o esforço humano para alcançar através da meditação zonas de pensamento além do alcance da expressão verbal*”<sup>[4]</sup>. Seu método é a contemplação, e seu objetivo, tanto quanto eu o entendo, é convencer-se de um princípio subjacente a todos os fenômenos e, se possível, do próprio Absoluto, e assim colocar-se em harmonia com este Absoluto. Assim definido, o ensinamento era mais do que o dogma de uma seita, e quem alcança a percepção do Absoluto eleva-se acima das coisas mundanas e desperta, “*para um novo Céu e uma nova Terra*”.

O que o Budismo não deu, o Xintoísmo ofereceu em abundância. Tal lealdade ao soberano, tal reverência pela memória ancestral e tal piedade filial que não são ensinadas por nenhum outro credo, foram inculcadas pelas doutrinas xintoístas, conferindo passividade ao caráter arrogante do samurai. A teologia xintoísta não tem lugar para o dogma do “pecado original”. Pelo contrário, acredita na bondade inata e na pureza divina da alma humana, adorando-a como o *adytum* a partir do qual os oráculos divinos são proclamados. Todos observaram que os santuários xintoístas são visivelmente desprovidos de objetos e instrumentos de adoração, e que um espelho simples pendurado no santuário constitui a parte essencial de sua decoração. A presença deste artigo é fácil de explicar: ele tipifica o coração humano, que, quando perfeitamente plácido e claro, reflete a própria imagem da Divindade. Quando você fica, portanto, em frente ao santuário

para adorar, você vê sua própria imagem refletida em sua superfície brilhante, e o ato de adoração equivale à antiga injunção délfica: “*Conhece-te a ti mesmo*”. Mas o autoconhecimento não implica, nem no ensino grego nem no japonês, o conhecimento da parte física do homem, nem da sua anatomia ou da sua psicofísica; o conhecimento deveria ser de tipo moral, a introspecção de nossa natureza moral. Mommsen, comparando o grego e o romano, diz que quando o primeiro adorava levantava os olhos para o céu, pois a sua oração era contemplação, enquanto o último velava a cabeça, pois a sua era reflexo. Essencialmente tal como a concepção romana de religião, a nossa reflexão trouxe à tona não tanto a moral como a consciência nacional do indivíduo. Seu culto à natureza tornou o país querido até o mais íntimo de nossas almas, enquanto seu culto aos ancestrais, traçando linhagem em linhagem, fez da família imperial a fonte de toda a nação. Para nós, o país é mais do que terra e solo para extrair ouro ou colher grãos - é a morada sagrada dos deuses, os espíritos de nossos antepassados: para nós, o Imperador é mais do que o Arquicondestável de um *Rechtsstaat*, ou até mesmo o Patrono de um *Culturstaat* – ele é o representante corporal do Céu na terra, mesclando em sua pessoa seu poder e sua misericórdia. Se o que M. Boutmy<sup>[5]</sup> diz é verdade sobre a realeza inglesa – que ela “*não é apenas a imagem da autoridade, mas o autor e símbolo da unidade nacional*”, como acredito que seja, dupla e triplamente isso pode ser afirmado da realeza no Japão.

Os princípios do Xintoísmo cobrem as duas características predominantes da vida emocional da nossa raça – Patriotismo e Lealdade. Arthur May Knapp diz com toda a razão: “*Na literatura hebraica é muitas vezes difícil dizer se o escritor está falando de Deus ou da Comunidade; do céu ou de Jerusalém; do Messias ou da própria nação*”<sup>[6]</sup>. Uma confusão semelhante pode ser notada na nomenclatura da nossa fé nacional. Eu disse confusão porque será assim considerada por um intelecto lógico devido à sua ambiguidade verbal; ainda assim, sendo uma estrutura de instinto nacional e sentimentos raciais, o Xintoísmo nunca pretende ser uma filosofia sistemática ou uma teologia racional. Esta religião – ou, não é mais correto dizer, as emoções raciais que esta

religião expressava? – imbuíu completamente o Bushido de lealdade ao soberano e de amor ao país. Estas agiram mais como impulsos do que como doutrinas; pois o Xintoísmo, ao contrário da Igreja Cristã Medieval, quase não prescrevia aos seus devotos quaisquer credenciais, fornecendo-lhes ao mesmo tempo uma *agenda* de tipo direto e simples.

Quanto às doutrinas estritamente éticas, os ensinamentos de Confúcio foram a fonte mais prolífica do Bushido. Sua enunciação das cinco relações morais entre senhor e servo (o governante e o governado), pai e filho, marido e mulher, irmão mais velho e mais novo, e entre amigo e amigo, foi apenas uma confirmação do que o instinto racial havia reconhecido antes. Seus escritos foram trazidos da China. O caráter calmo, benigno e mundano de seus preceitos éticos-políticos era particularmente adequado aos samurais, que formavam a classe dominante. Seu tom aristocrático e conservador se adaptava bem às exigências desses estadistas guerreiros. Ao lado de Confúcio, Mêncio exerceu imensa autoridade sobre o Bushido. Suas teorias enérgicas e muitas vezes bastante democráticas foram excessivamente simpáticas, e foram até consideradas perigosas e subversivas para a ordem social existente, portanto, suas obras estiveram por muito tempo sob censura. Ainda assim, as palavras dessa mente superior encontraram alojamento permanente no coração do samurai.

Os escritos de Confúcio e Mêncio constituíram os principais livros didáticos para os jovens e a mais alta autoridade em discussão entre os idosos. Contudo, o mero conhecimento dos clássicos desses dois sábios não era tido em grande estima. Um provérbio comum ridiculariza aquele que tem apenas um conhecimento intelectual de Confúcio, como um homem sempre estudioso, mas ignorante dos *Analectos*. Um samurai típico chama um sábio literário de idiota que cheira a livros. Outro compara o aprendizado a um vegetal malcheiroso que deve ser fervido e cozido antes de estar pronto para uso. Um homem que leu um pouco cheira um pouco pedante, e um homem que leu muito cheira ainda mais; ambos são igualmente desagradáveis. O escritor quis dizer com isso que o conhecimento só se torna realmente tal quando é assimilado na mente do aluno e se manifesta em seu caráter.

Um especialista intelectual era considerado uma máquina. O próprio intelecto era considerado subordinado à emoção ética. O homem e o universo foram concebidos para serem igualmente espirituais e éticos. O Bushido não pôde aceitar o julgamento de Huxley de que o processo cósmico era imoral.

O Bushido menosprezou o conhecimento como tal. Não foi perseguido como um fim em si mesmo, mas como um meio para alcançar a sabedoria. Conseqüentemente, aquele que não chegasse a esse fim não era considerado mais do que uma máquina conveniente, que poderia produzir poemas e máximas mediante citação. Assim, o conhecimento foi concebido como idêntico à sua aplicação prática na vida; e esta doutrina socrática encontrou o seu maior expoente no filósofo chinês Wan Yang Ming, que nunca se cansa de repetir: *“Saber e agir são a mesma coisa”*.

Peço licença para uma breve digressão enquanto estou neste assunto, visto que alguns dos mais nobres tipos de *bushi* foram fortemente influenciados pelos ensinamentos deste sábio. Os leitores ocidentais reconhecerão facilmente em seus escritos muitos paralelos com o Novo Testamento. Levando em consideração os termos peculiares a qualquer um dos ensinamentos, a passagem: *“Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas”*, transmite um pensamento que pode ser encontrado em quase todas as páginas de Wan Yang Ming. Um discípulo japonês<sup>[7]</sup> dele diz: *“O senhor do céu e da terra, de todos os seres vivos, habitando no coração do homem, torna-se sua mente ( Kokoro ); portanto, a mente é uma coisa viva e sempre luminosa”*; e novamente: *“A luz espiritual do nosso ser essencial é pura e não é afetada pela vontade do homem. Surgindo espontaneamente em nossa mente, mostra o que é certo e o que é errado: é então chamada de consciência; é mesmo a luz que procede do deus do céu”*. O quão soam essas palavras como algumas passagens de Isaac Pennington ou de outros místicos filosóficos! Estou inclinado a pensar que a mente japonesa, tal como expressa nos princípios simples da religião xintoísta, estava particularmente aberta à recepção dos preceitos de Yang Ming. Ele levou sua doutrina da infalibilidade da consciência ao transcendentalismo extremo,

atribuindo-lhe a faculdade de perceber não apenas a distinção entre o certo e o errado, mas também a natureza dos fatos psíquicos e dos fenômenos físicos. Ele foi tão longe quanto, se não mais longe, Berkeley e Fichte, no Idealismo, negando a existência de coisas fora da compreensão humana. Se o seu sistema tivesse todos os erros lógicos atribuídos ao solipsismo, tinha toda a eficácia de uma forte convicção e a sua importância moral no desenvolvimento da individualidade de carácter e da equanimidade de temperamento não pode ser contestada.

Assim, quaisquer que sejam as fontes, os princípios essenciais que *o Bushido* absorveu delas e assimilou para si mesmo, eram poucos e simples. Por poucos e simples que fossem, eram suficientes para proporcionar uma conduta de vida segura, mesmo durante os dias mais inseguros do período mais conturbado da história da nossa nação. A natureza saudável e pouco sofisticada de nossos ancestrais guerreiros obteve amplo alimento para seu espírito a partir de um feixe de ensinamentos comuns e fragmentários, colhidos, por assim dizer, nas estradas e atalhos do pensamento antigo e, estimulados pelas demandas da época, formados a partir desses ensinamentos. Respigas de um tipo novo e único de masculinidade. Um agudo sábio francês, M. de la Mazelière, resume assim as suas impressões do século XVI: “*Em meados do século XVI, tudo era confusão no Japão, no governo, na sociedade, na igreja*”. Mas as guerras civis, o retorno dos costumes à barbárie, a necessidade de cada um executar a justiça por si mesmo, estes formaram homens comparáveis aos italianos do século XVI, em quem Taine elogia “*a iniciativa vigorosa, o hábito de resoluções repentinas e desesperadas*”, empreendimentos com a grande capacidade de fazer e de sofrer. Tanto no Japão como na Itália, “*os modos rudes da Idade Média fizeram do homem um animal soberbo, totalmente militante e totalmente resistente*”. E é por isso que o século XVI exhibe no mais alto grau a principal qualidade da raça japonesa, aquela grande diversidade que ali se encontra entre mentes ( *espíritos* ) bem como entre temperamentos. Enquanto na Índia e mesmo na China os homens parecem diferir principalmente no grau de energia ou inteligência, no Japão eles também diferem pela originalidade de carácter. Ora,

a individualidade é sinal de raças superiores e de civilizações já desenvolvidas. Se recorrermos a uma expressão cara a Nietzsche, poderíamos dizer que na Ásia falar da humanidade é falar das suas planícies; no Japão como na Europa, representa-se sobretudo pelas suas montanhas.

# RETIDÃO OU JUSTIÇA

Às características predominantes dos homens sobre os quais escreve o Sr. de la Mazelière, dirijamo-nos agora. Vou começar como preceito mais convincente do código do samurai: Retidão ou Justiça. Nada é mais repugnante para ele do que negócios dissimulados e empreendimentos desonestos. A concepção de Retidão pode ser errônea – pode ser estreita. Um conhecido *bushi* define-o como um poder de resolução; “Retidão é o poder de decidir sobre um certo curso de conduta de acordo com a razão, sem vacilar; morrer quando é certo morrer, atacar quando atacar está certo”. Outro fala disso nos seguintes termos: “A retidão é o osso que dá firmeza e estatura. Assim como sem ossos a cabeça não pode repousar no topo da coluna, nem as mãos se movem nem os pés ficam em pé, assim sem retidão nem o talento nem o aprendizado podem transformar uma estrutura humana em um samurai. Com ele a falta de realizações não vale nada”. Mêncio chama a Benevolência de mente do homem e a Retidão ou Justiça de seu caminho. “Quão lamentável”, exclama ele, “é negligenciar o caminho e não segui-lo, perder a cabeça e não saber procurá-lo novamente! Quando as aves e os cães dos homens se perdem, eles sabem que devem procurá-los novamente, mas perdem a cabeça e não sabem como procurá-los”. Não temos aqui “como num espelho obscuro” uma parábola proposta trezentos anos depois em outro clima e por um Mestre maior, que se autodenominava o *Caminho da Justiça*, por meio de quem os perdidos poderiam ser encontrados? Mas eu me afasto do meu ponto. A justiça, segundo Mêncio, é um caminho reto e estreito que um homem deve seguir para recuperar o paraíso perdido.

Mesmo nos últimos dias do feudalismo, quando a longa continuação da paz trouxe o lazer para a vida da classe guerreira, e com ele dissipações de todos os tipos e realizações gentis, o epíteto *Gishi* (um homem de retidão) foi considerado superior a qualquer nome, e significava domínio do

aprendizado ou da arte. Os *Quarenta e Sete Fiéis* – dos quais tanto se fala em nossa educação popular – são conhecidos na linguagem comum como os Quarenta e Sete *Gishi* .

Em tempos em que o artifício astuto era passível de passar por trato militar e a pura falsidade por *ruse de guerre* , esta virtude viril, franca e honesta, era a jóia mais brilhante e mais elogiada. A retidão é irmã gêmea do Valor, outra virtude marcial. Mas antes de passar a falar de Valor, deixe-me deter-me um pouco no que posso chamar de uma derivação de Retidão, que, a princípio desviando-se ligeiramente de seu original, tornou-se cada vez mais afastado dele, até que seu significado foi pervertido na linguagem popular por aceitação. Falo de *Gi-ri*, literalmente a Razão Correta, mas que com o tempo passou a significar um vago senso de dever que a opinião pública esperava que um titular cumprisse. Em seu sentido original e puro, significava dever, puro e simples – portanto, falamos do *Giri* que devemos aos pais, aos superiores, aos inferiores, à sociedade em geral, e assim por diante. Nestes casos *Giri* é dever; pois o que mais é dever além daquilo que a Razão Correta exige e ordena que façamos. A Razão Correta não deveria ser nosso imperativo categórico?

*Giri* significava principalmente nada mais do que dever, e ousou dizer que sua etimologia deriva do fato de que em nossa conduta, digamos para nossos pais, embora o amor deva ser o único motivo, na falta dele, deve haver alguma outra autoridade para impor a piedade filial; e formularam esta autoridade em *Giri*. Muito acertadamente formularam esta autoridade – *Giri* – pois se o amor não se precipita em atos de virtude, deve-se recorrer ao intelecto do homem e sua razão deve ser acelerada para convencê-lo da necessidade de agir corretamente. O mesmo se aplica a qualquer outra obrigação moral. No instante em que o Dever se torna oneroso, a Razão Correta intervém para impedir que o evitemos. *Giri* assim compreendido é um capataz severo, com uma vara de bétula na mão para fazer os preguiçosos cumprirem sua parte. É um poder secundário em ética; pois como motivo, é infinitamente inferior à doutrina cristã do amor, que deveria ser a lei. Considero-o um produto das condições de uma sociedade artificial – de uma sociedade em que o acidente de nascimento

e o favor imerecido instituíram distinções de classe, em que a família era a unidade social, em que a antiguidade na idade era mais importante do que a superioridade de talentos; em que as afeições naturais muitas vezes tiveram que sucumbir diante de costumes arbitrários criados pelo homem. Por causa dessa mesma artificialidade, *Giri* com o tempo degenerou em um vago senso de propriedade chamado a explicar isso e sancionar aquilo – como, por exemplo, por que uma mãe deve, se necessário, sacrificar todos os seus outros filhos para salvar o primogênito; ou por que uma filha deve vender sua castidade para conseguir fundos para pagar a dissipação do pai e coisas do gênero. Começando como Razão Correta, *Giri*, em minha opinião, muitas vezes se rebaixou à casuística. Degenerou até num medo covarde da censura. Eu poderia dizer de *Giri* o que Scott escreveu sobre o patriotismo, que “*assim como é o mais justo, muitas vezes é a máscara mais suspeita de outros sentimentos*”. Levado além ou abaixo da Razão Correta, *Giri* tornou-se um equívoco monstruoso. Abrigava sob suas asas todo tipo de sofisma e hipocrisia. Poderia facilmente ter se transformado num ninho de covardia, se o Bushido não tivesse um sentido apurado e correto de Coragem.

# CORAGEM, ESPÍRITO DE OUSADIA E SUPORTE

A coragem dificilmente era considerada digna de ser contada entre as virtudes, a menos que fosse exercida na causa da Justiça. Nos seus *“Analectos”*, Confúcio define Coragem explicando, como costuma fazer, qual é o seu negativo. *“Perceber o que é certo”*, diz ele, *“e não fazê-lo é sinal de falta de coragem”*. Coloque este epigrama em uma declaração positiva e ela diz: *“Coragem é fazer o que é certo”*. Correr todos os tipos de perigos, colocar-se em perigo, precipitar-se nas garras da morte – estes são muitas vezes identificados com Valor, e na profissão de armas tal temeridade de conduta – o que Shakespeare chama de *“valor ilegítimo”* – é injustamente aplaudido; mas não é assim nos Preceitos da Cavalaria. A morte por uma causa indigna de morrer era chamada de *“morte de cachorro”*. *“Correr para o meio da batalha e ser morto nela”*, diz um Príncipe de Mito, *“é bastante fácil, e o mais rude está à altura da tarefa; mas”*, continua ele, *“é a verdadeira coragem viver quando é certo viver, e morrer apenas quando é certo morrer”*, e ainda assim o Príncipe nem tinha ouvido falar do nome de Platão, que define coragem como *“o conhecimento das coisas que um homem deve temer e que não deve temer”*. A distinção que é feita no Ocidente entre coragem moral e física é há muito reconhecida entre nós. Que jovem samurai nunca ouviu falar de *“Grande Valor”* e *“Valor de um Vilão”*?

Valor, Fortitude, Bravura, Destemor, Coragem, sendo as qualidades da alma que mais facilmente atraem as mentes juvenis e que podem ser treinadas pelo exercício e pelo exemplo, foram, por assim dizer, as virtudes mais populares, desde cedo imitadas entre os jovens. Histórias de façanhas

militares foram repetidas quase antes de os meninos deixarem o seio materno. Um pequeno chora por alguma dor? A mãe o repreende assim: “*Que covardia chorar por uma dor insignificante! O que você fará quando seu braço for cortado em batalha? E quando você for chamado ao harakiri?*” Todos nós conhecemos a patética coragem de um menino-príncipe faminto de Sendai, que no drama foi obrigado a dizer ao seu pajem: “*Vês aqueles pardais minúsculos no ninho, como seus bicos amarelos tão bem abertos, e agora vê! Lá vem a mãe deles com minhocas para alimentá-los. Com que avidez e alegria os pequenos comem! Mas para um samurai, quando seu estômago está vazio, é uma vergonha sentir fome*”. Anedotas de coragem e bravura abundam nos contos infantis, embora histórias desse tipo não sejam de forma alguma o único método de imbuir precocemente o espírito de ousadia e destemor. Os pais, com severidade às vezes beirando a crueldade, atribuíam aos filhos tarefas que despertavam toda a coragem que havia neles. “*Os ursos jogam seus filhotes ao despenhadeiro*”, diziam eles. Os filhos do Samurai percorreram pelos vales íngremes das dificuldades, estimulados a tarefas semelhantes às de Sísifo. A privação ocasional de comida ou a exposição ao frio era considerada um teste altamente eficaz para habituá-los à resistência. Crianças de tenra idade eram enviadas a estranhos com alguma mensagem a entregar, obrigadas a levantar-se antes do sol e, antes do café da manhã, fazer seus exercícios de leitura, caminhando descalças até o professor, em pleno frio do inverno; frequentemente — uma ou duas vezes por mês, como no festival do deus do saber — reuniam-se em pequenos grupos e passavam a noite sem dormir, lendo em voz alta, alternadamente. Peregrinações a todos os tipos de lugares misteriosos — a locais de execução, a cemitérios, a casas consideradas mal-assombradas — eram os passatempos favoritos dos jovens. Na época em que a decapitação era pública, não apenas meninos eram enviados para testemunhar a cena horrível, mas também eram obrigados a visitar sozinhos o local, na escuridão da noite, e ali deixarem uma marca de sua visita na cabeça sem tronco.

Será que este sistema ultra-espartano de “*perfurar os nervos*” atinge o pedagogo moderno com horror e dúvida —

dúvida se a tendência não seria brutalizante, cortando pela raiz as ternas emoções do coração? Vejamos quais outros conceitos o Bushido tinha de Valor.

O aspecto espiritual do valor é evidenciado pela compostura – presença de espírito calma. Tranquilidade é coragem em repouso. É uma manifestação estática de valor, assim como ações ousadas são dinâmicas. Um homem verdadeiramente corajoso é sempre sereno; ele nunca é pego de surpresa; nada perturba a equanimidade de seu espírito. No calor da batalha ele permanece calmo; em meio às catástrofes ele mantém a mente equilibrada. Os terremotos não o abalam, ele ri das tempestades. Nós o admiramos como verdadeiramente grande, aquele que, na presença ameaçadora do perigo ou da morte, mantém o autodomínio; que, por exemplo, pode compor um poema sob perigo iminente ou cantarolar uma canção diante da morte. Tal indulgência, que não revela nenhum tremor na escrita ou na voz, é tomada como um índice infalível de uma natureza ampla – daquilo que chamamos de mente espaçosa (*yoyū*), que, mesmo pressionada ou lotada, sempre tem espaço para algo mais.

Passa entre nós como um pedaço de história autêntica que, assim como Ōta Dokan, o grande construtor do castelo de Tóquio, foi perfurado por uma lança, seu assassino, conhecendo a predileção poética de sua vítima, acompanhou seu golpe com este dístico:

*“Ah! como em momentos como estes*

*Nosso coração guarda rancor da luz da vida;”*

Ao que o herói moribundo, nem um pouco intimidado pelo ferimento mortal em seu lado, acrescentou as linhas:

*“Não tive em horas de paz,*

*Aprendeu a encarar a vida com leveza.”*

Existe até um elemento desportivo numa natureza corajosa. Coisas que são sérias para as pessoas comuns podem servir apenas para os valentes. Portanto, nas guerras antigas não era raro que as partes em conflito trocassem réplicas ou iniciassem uma disputa retórica. O combate não era apenas

uma questão de força bruta; foi, também, um compromisso intelectual.

Foi desse caráter a batalha travada na margem do rio Koromo, no final do século XI. O exército oriental foi derrotado e seu líder, Sadato, fugiu. Quando o general perseguidor o pressionou com força e gritou em voz alta: “*É uma vergonha para um guerreiro mostrar as costas ao inimigo*”, Sadato puxou as rédeas do cavalo; sobre isso, o chefe conquistador gritou um verso improvisado:

*“Rasgado em pedaços está a urdidura do pano;” ( koromo ).*

Mal as palavras escaparam de seus lábios quando o guerreiro derrotado, destemido, completou o dístico:

*“Desde que a idade se desgasta com o uso.”*

Yoshiie, cujo arco estava dobrado o tempo todo, de repente o desamarrou e se virou, deixando sua possível vítima fazer o que quisesse. Quando questionado sobre o motivo de seu comportamento estranho, ele respondeu que não suportaria envergonhar alguém que manteve sua presença de espírito enquanto era perseguido com veemência por seu inimigo.

A tristeza que tomou conta de Antônio e Otávio com a morte de Bruto tem sido a experiência geral de homens corajosos. Kenshin, que lutou durante quatorze anos com Shingen, quando soube da morte deste último, chorou alto pela perda do “*melhor dos inimigos*”. Foi este mesmo Kenshin quem deu um exemplo nobre para todos os tempos, no tratamento que deu a Shingen, cujas províncias ficavam em uma região montanhosa bem longe do mar, e que conseqüentemente dependia das províncias Hōjō do Tokaido para obter sal. O príncipe Hōjō, desejando enfraquecê-lo, embora não estivesse em guerra aberta com ele, cortou de Shingen todo o tráfego neste importante artigo. Kenshin, ouvindo sobre o dilema de seu inimigo e capaz de obter seu sal na costa de seus próprios domínios, escreveu a Shingen que em sua opinião o senhor Hōjō havia cometido um ato muito cruel, e que embora (Kenshin) estivesse em guerra com ele (Shingen), ordenou que seus súditos lhe fornecessem bastante sal, acrescentando: “*Eu não luto com sal, mas com a espada*”,

proporcionando mais do que um paralelo com as palavras de Camilo: “*Nós, romanos, não lutamos com ouro, mas com ferro*”. Nietzsche falou em nome do coração do samurai quando escreveu: “*Você deve se orgulhar de seu inimigo; então, o sucesso do seu inimigo também será o seu sucesso*”. Na verdade, tanto o valor como a honra exigiam que tomássemos como inimigos na guerra apenas aqueles que se mostrassem dignos de ser amigos na paz. Quando o valor atinge esse nível, torna-se semelhante a Benevolência.

# BENEVOLÊNCIA, O SENTIMENTO DE ANGÚSTIA

A benevolência, o sentimento de angústia, amor, magnanimidade, carinho pelos outros, simpatia e piedade, sempre foram reconhecidas como virtudes supremas, os mais elevados de todos os atributos da alma humana. A benevolência era considerada uma virtude principesca em um duplo sentido: principesca entre os múltiplos atributos de um espírito nobre; principesco como particularmente adequado a uma profissão principesca. Não precisávamos de nenhum Shakespeare para sentir – embora, talvez, como o resto do mundo, precisássemos que ele o expressasse – que a misericórdia se tornou um monarca melhor do que a sua coroa, que estava acima do seu domínio do cetro. Quantas vezes tanto Confúcio como Mêncio repetem a exigência mais elevada de um governante de homens de consistir na benevolência. Confúcio diria: *“Se apenas um príncipe cultivar a virtude, as pessoas se reunirão para ele; com as pessoas virão para ele terras; as terras lhe trarão riquezas; a riqueza lhe dará o benefício do uso correto. A virtude é a raiz e a riqueza é o resultado”*. Novamente: *“Nunca houve um caso de benevolência amorosa soberana, e o povo não amando a justiça”*, Mêncio segue de perto e diz: *“Há casos registrados em que indivíduos alcançaram o poder supremo em um único estado, sem benevolência, mas nunca ouvi falar de um império inteiro caindo nas mãos de alguém que não tivesse essa virtude”*. Além disso: *“É impossível que alguém se torne governante de um povo ao qual não cedeu a sujeição de seu coração”*. Ambos definiram este requisito indispensável num governante dizendo: *“Benevolência – Benevolência é o Homem”*. Sob o regime do feudalismo, que poderia facilmente ser pervertido em militarismo, era à Benevolência que devíamos a nossa libertação do despotismo da pior espécie. Uma rendição total da *“vida e integridade”* por parte dos

governados não teria deixado nada para os governantes, a não ser a vontade própria, e isto tem como consequência natural o crescimento daquele absolutismo tantas vezes chamado de “*despotismo oriental*” – como se não houve déspotas na história ocidental!

Que esteja longe de mim defender qualquer tipo de despotismo; mas é um erro identificar o feudalismo com ele. Quando Frederico, o Grande, escreveu que “*os reis são os primeiros servidores do Estado*”, os juristas pensaram, com razão, que uma nova era foi alcançada no desenvolvimento da liberdade. Estranhamente coincidindo no tempo, no sertão do Noroeste do Japão, Yozan de Yonézawa fez exatamente a mesma declaração, mostrando que o feudalismo não era só tirania e opressão. Um príncipe feudal, embora indiferente às obrigações recíprocas para com os seus vassallos, sentia um maior sentido de responsabilidade para com os seus antepassados e para com o Céu. Ele era um pai para seus súditos, a quem o Céu confiou aos seus cuidados. Num sentido que normalmente não é atribuído ao termo, o Bushido aceitou e corroborou o governo paterno – sim, paterno, em oposição ao governo avuncular menos interessado (o do *Tio Sam*, a saber!). A diferença entre um governo despótico e um governo paternal reside no fato de que num o povo obedece com relutância, enquanto no outro o faz com “*aquela submissão orgulhosa, aquela obediência digna, aquela subordinação de coração que manteve viva, mesmo na servidão, o espírito de liberdade exaltada*”<sup>[8]</sup>. Não é totalmente falso o velho ditado que chamava o rei da Inglaterra de “*rei dos demônios, por causa das muitas insurreições e deposições de seus súditos contra seus príncipes*”, e que fez do monarca francês o “*rei dos burros, por causa de seus infinitos impostos e imposições*”, mas que deu o título de “*rei dos homens*” ao soberano da Espanha “*por causa da obediência voluntária de seus súditos*”. Mas chega!

A virtude e o poder absoluto podem parecer à mente anglo-saxônica como termos impossíveis de harmonizar. Pobyedonostseff colocou claramente diante de nós o contraste nas fundações das comunidades inglesa e de outras comunidades europeias; nomeadamente que estes foram

organizados com base no interesse comum, ao mesmo tempo que se distinguiam por uma personalidade independente fortemente desenvolvida. O que este estadista russo diz sobre a dependência pessoal dos indivíduos em alguma aliança social e na finalidade do Estado, entre as nações continentais da Europa e particularmente entre os povos eslavos, é duplamente verdadeiro em relação aos japoneses. Portanto, não só o livre exercício do poder monárquico não é tão sentido por nós como na Europa, mas é geralmente moderado pela consideração dos pais pelos sentimentos do povo. “*O absolutismo*”, diz Bismarck, “*exige principalmente do governante imparcialidade, honestidade, devoção ao dever, energia e humildade interior*”. Se me for permitido fazer mais uma citação sobre este assunto, citarei o discurso do imperador alemão em Coblenz, no qual ele falou de “*Realeza, pela graça de Deus, com seus pesados deveres, sua tremenda responsabilidade para somente o Criador, do qual nenhum homem, nenhum ministro, nenhum parlamento pode libertar o monarca*”.

Sabíamos que a Benevolência era uma virtude terna e maternal. Se a Retidão correta e a Justiça severa eram peculiarmente masculinas, a Misericórdia tinha a gentileza e a persuasão de uma natureza feminina. Fomos advertidos contra a prática indiscriminada de caridade, sem temperá-la com justiça e retidão. Masamuné expressou-o bem no seu aforismo frequentemente citado: “*A retidão levada ao excesso endurece em rigidez. A benevolência concedida além da medida afunda na fraqueza*”.

Felizmente, a Misericórdia não era tão rara quanto bela, pois é universalmente verdade que “*Os mais corajosos são os mais ternos, os amorosos são os ousados*”. “*Bushi no nasaké*” – a ternura de um guerreiro – tinha um som que apelava imediatamente para tudo o que havia de nobre em nós; não que a misericórdia de um samurai fosse genericamente diferente da misericórdia de qualquer outro ser, mas porque implicava misericórdia onde a misericórdia não era um impulso cego, mas onde reconhecia o devido respeito pela justiça, e onde a misericórdia não permanecia apenas um certo estado de mente, mas onde foi apoiado com poder para salvar ou matar. Tal

como os economistas falam da procura como sendo eficaz ou ineficaz, da mesma forma podemos chamar a misericórdia do bushi de eficaz, uma vez que implica o poder de agir para o bem ou em detrimento do destinatário.

Orgulhosos de sua força bruta e dos privilégios de transformá-la em conta, os samurais deram pleno consentimento ao que Mêncio ensinava a respeito do poder do Amor. “A *benevolência*”, diz ele, “*coloca sob seu domínio tudo o que impede seu poder, assim como a água subjuga o fogo: eles só duvidam do poder da água para apagar as chamas quando tentam extinguir com um copo cheio uma carroça cheia de lenha em chamas*”. Ele também diz que “*o sentimento de angústia é a raiz da benevolência, portanto, um homem benevolente está sempre atento àqueles que estão sofrendo e em perigo*”. Assim, Mêncio antecipou em muito tempo Adam Smith, que funda sua filosofia ética na Simpatia.

É realmente impressionante como o código de honra cavalheiresca de um país coincide com o de outros; por outras palavras, como as tão abusadas ideias morais orientais encontram os seus equivalentes nas mais nobres máximas da literatura europeia. Se esses versos bem conhecidos: “*Estas serão suas habilidades para impor a paz / Para poupar os súditos e derrotar os orgulhosos*”, fossem mostradas a um antigo cavaleiro japonês, ele poderia facilmente acusar o bardo de Mântua de plagiar a literatura de seu próprio país.

A benevolência para com os fracos, os oprimidos ou os vencidos, sempre foi exaltada como algo peculiar a um samurai. Os amantes da arte japonesa devem estar familiarizados com a representação de um sacerdote montado numa vaca de costas. O cavaleiro já foi um guerreiro que em sua época fez de seu nome um sinônimo de terror. Naquela terrível batalha de Sumano-ura (1184 dC), que foi uma das mais decisivas da nossa história, ele ultrapassou um inimigo e em combate individual o teve nas mãos de seus braços gigantesco. Ora, a etiqueta da guerra exigia que nessas ocasiões não se derramasse sangue, a menos que a parte mais fraca provasse ser um homem de posição ou habilidade igual à da parte mais forte. O severo combatente teria o nome do homem sob seu comando; mas ele, recusando-se a divulgá-lo,

teve seu elmo arrancado implacavelmente, quando a visão de um rosto juvenil, louro e sem barba, fez com que o atônito cavaleiro relaxasse seu domínio. Ajudando o jovem a se levantar, em tom paternal ele ordenou ao jovem que fosse: *“Vá, jovem príncipe, para o lado de sua mãe! A espada de Kumagaye nunca será manchada por uma gota do teu sangue. Apresse-se e fuja por aquela passagem antes que seus inimigos apareçam!”* O jovem guerreiro recusou-se a ir e implorou a Kumagaye, pela honra de ambos, que o despachasse imediatamente. *“Acima da cabeça grisalha do veterano brilha a lâmina fria, que muitas vezes antes rompeu as cordas da vida, mas seu coração robusto estremece; através de seu olho mental surge a visão de seu próprio filho, que naquele mesmo dia marchou ao som de uma corneta para experimentar suas armas de donzela; a mão forte do guerreiro treme; novamente ele implora à sua vítima que fuja para salvar sua vida”*. Vendo todas as suas súplicas em vão e ouvindo os passos de seus camaradas que se aproximavam, ele exclama: *“Se fores alcançado, poderás cair em mãos mais ignóbeis que as minhas. Ó, Infinito! Receba sua alma!”* Num instante a espada brilha no ar e, quando cai, fica vermelha do sangue adolescente. Quando a guerra termina, encontramos nosso soldado retornando triunfante, mas pouco se importa com honra ou fama; ele renuncia à sua carreira bélica, raspa a cabeça, veste trajes sacerdotais, dedica o resto de seus dias à peregrinação sagrada, nunca virando as costas para o Ocidente, onde está o Paraíso de onde vem a salvação e para onde o sol corre diariamente para seu descanso.

Os críticos podem apontar falhas nesta história, que é casuisticamente vulnerável. Deixe estar: mesmo assim mostra que a Ternura, a Piedade e o Amor eram traços que adornavam as façanhas mais sanguinárias do samurai. Era uma velha máxima entre eles que *“Não convém ao passarinho matar o pássaro que se refugia em seu seio”*. Isto explica, em grande parte, por que o movimento da Cruz Vermelha, considerado peculiarmente cristão, encontrou tão prontamente uma base firme entre nós. Durante décadas, antes de ouvirmos falar da Convenção de Genebra, Bakin, o nosso maior romancista, familiarizou-nos com o tratamento médico de um inimigo caído. No principado de Satsuma, conhecido por seu espírito

marcial e educação, prevalecia o costume de os jovens praticarem música; não o toque de trombetas ou a batida de tambores – “*aqueles arautos clamorosos de sangue e morte*” – incitando-nos a imitar as ações de um tigre, mas melodias tristes e ternas no *biwa*<sup>[9]</sup>, acalmando nossos espíritos ardentes, atraindo nossos pensamentos longe do cheiro de sangue e de cenas de carnificina. Políbio nos fala da Constituição da Arcádia, que exigia que todos os jovens com menos de trinta anos praticassem música, para que esta arte suave pudesse aliviar os rigores daquela região inclemente. É à sua influência que ele atribui a ausência de crueldade naquela parte das montanhas da Arcádia.

Nem foi Satsuma o único lugar no Japão onde a gentileza foi inculcada entre a classe guerreira. Um Príncipe de Shirakawa anota seus pensamentos aleatórios, e entre eles está o seguinte: “*Embora eles venham furtivamente para a sua cabeceira nas vigílias silenciosas da noite, não vá embora, mas sim aprecie estes – a fragrância das flores, o som de sinos distantes, o zumbido dos insetos em uma noite gelada*”. E novamente: “*Embora eles possam ferir seus sentimentos, esses três você só precisa perdoar: a brisa que espalha suas flores, a nuvem que esconde sua lua e o homem que tenta provocar brigas com você*”.

Foi para expressar ostensivamente, na verdade para cultivar essas emoções mais suaves que a escrita de versos foi incentivada. Nossa poesia tem, portanto, uma forte tendência de pathos e ternura. Uma anedota bem conhecida de um samurai rústico ilustra um caso em questão. Quando lhe disseram para aprender a versificação, e “*As Notas da Toutinegra*”<sup>[10]</sup> lhe foram dadas como tema de sua primeira tentativa, seu espírito ardente se rebelou e ele jogou aos pés de seu mestre esta produção rude, que durou:

*“O bravo guerreiro se mantém distante  
Do ouvido que pode ouvir  
Ao canto da toutinegra.”*

Seu mestre, destemido pelo sentimento grosseiro, continuou a encorajar a juventude, até que um dia a música de

sua alma foi despertada para responder às doces notas do *uguisu*, e ele escreveu:

*“Ergue-se o guerreiro, cotado e forte,  
Para ouvir a música do uguisu,  
gorjeou docemente as árvores entre eles.”*

Admiramos e apreciamos o incidente heróico na curta vida de Körner, quando, enquanto estava ferido no campo de batalha, ele rabiscou seu famoso *“Adeus à Vida”*. Incidentes de tipo semelhante não eram nada incomuns em nossa guerra. Nossos poemas concisos e epigramáticos eram particularmente adequados à improvisação de um único sentimento. Qualquer pessoa com qualquer educação era poeta ou poetastro. Não era raro ver um soldado em marcha parar, tirar os utensílios de escrita do cinto e compor uma ode – e esses papéis eram encontrados posteriormente nos capacetes ou nas couraças, quando estes foram removidos dos seus portadores sem vida.

# POLIDEZ

O que o Cristianismo fez na Europa para despertar a compaixão no meio dos horrores beligerantes, o amor pela música e pelas letras fez no Japão. O cultivo de sentimentos ternos gera consideração pelos sofrimentos dos outros. A modéstia e a complacência, motivadas pelo respeito pelos sentimentos dos outros, estão na raiz da polidez, aquela cortesia e urbanidade de maneiras que todos os turistas estrangeiros percebem como uma característica japonesa marcante. A polidez é uma virtude pobre, se for acionada apenas pelo medo de ofender o bom gosto, ao passo que deveria ser a manifestação externa de uma consideração solidária pelos sentimentos dos outros. Implica também o devido respeito pela adequação das coisas e, portanto, o devido respeito pelas posições sociais; pois estes últimos não expressam distinções plutocráticas, mas eram originalmente distinções por mérito real.

Na sua forma mais elevada, a polidez quase se aproxima do amor. Podemos dizer com reverência que a polidez *“sofre muito e é bondosa; não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece; não se comporta de maneira imprópria, não busca o que é seu, não se irrita facilmente, não leva em conta o mal”*. Não é de admirar que o Professor Dean, ao falar dos seis elementos da Humanidade, conceda à Polidez uma posição exaltada, na medida em que é o fruto mais maduro das relações sociais?

Ao exaltar assim a polidez, longe de mim colocá-la na primeira linha das virtudes. Se a analisarmos, descobriremos que está correlacionada com outras virtudes de ordem superior; pois que virtude permanece sozinha? Embora — ou melhor, porque — tenha sido exaltado como peculiar à profissão das armas, e como tal estimado num grau superior aos seus merecimentos, surgiram as suas falsificações. O próprio Confúcio ensinou repetidamente que os acessórios externos fazem parte da propriedade tão pouco quanto os sons fazem parte da música.

Quando a propriedade foi elevada à condição *sine qua non* das relações sociais, era de se esperar que um elaborado sistema de etiqueta entrasse em voga para treinar os jovens no comportamento social correto. Como alguém deve se curvar ao abordar os outros, como deve andar e sentar, foi ensinado e aprendido com o máximo cuidado. Os modos à mesa tornaram-se uma ciência. Servir e beber chá foram elevados a uma cerimônia. É claro que se espera que um homem educado seja mestre em tudo isso. Muito apropriadamente, o Sr. Veblen, no seu interessante livro<sup>[11]</sup>, chama o decoro de “*um produto e um expoente da vida da classe ociosa*”.

Tenho ouvido comentários depreciativos feitos por Europeus sobre a nossa elaborada disciplina de polidez. Foi criticado por absorver muito do nosso pensamento e, até agora, ser uma loucura observar a obediência estrita a ele. Admito que possa haver sutilezas desnecessárias na etiqueta cerimoniosa, mas se ela é tão tola quanto a adesão às modas ocidentais em constante mudança, é uma questão que não está muito clara para mim. Mesmo as modas não considero apenas caprichos da vaidade; pelo contrário, considero isso uma busca incessante da mente humana pelo belo. Muito menos considero cerimônias elaboradas como totalmente triviais; pois denota o resultado de uma longa observação quanto ao método mais apropriado para alcançar um determinado resultado. Se há algo a fazer, certamente existe a melhor maneira de fazê-lo, e a melhor maneira é a mais econômica e a mais elegante. Sr. Spencer define graça como a forma mais econômica de movimento. A cerimônia do chá apresenta certas maneiras definidas de manipular uma tigela, uma colher, um guardanapo, etc. Para um novato parece tedioso. Mas logo se descobre que o modo prescrito é, afinal, o que mais economiza tempo e trabalho; em outras palavras, o uso mais econômico da força – portanto, de acordo com a máxima de Spencer, o mais elegante.

O significado espiritual do decoro social – ou, posso dizer, tomando emprestado o vocabulário da “*Filosofia do Vestuário*”, a disciplina espiritual da qual a etiqueta e a cerimônia são meras vestimentas exteriores – é desproporcional à sua aparência, como nos garante acreditar.

Eu poderia seguir o exemplo do Sr. Spencer e rastrear em nossas instituições cerimoniais suas origens e os motivos morais que lhes deram origem; mas não é isso que tentarei fazer neste livro. É o treinamento moral envolvido na estrita observância da propriedade que desejo enfatizar.

Eu disse que a etiqueta foi elaborada com as mais finas sutilezas, tanto que surgiram diferentes escolas que defendiam sistemas diferentes. Mas todos eles se uniram no essencial último, e isto foi colocado por um grande expoente da mais conhecida escola de etiqueta, a Ogasawara, nos seguintes termos: “*O fim de toda etiqueta é cultivar de tal forma a sua mente que mesmo quando você está sentado em silêncio, nem o rufião mais rude pode ousar atacar você*”. Significa, em outras palavras, que através do exercício constante de maneiras corretas, a pessoa coloca todas as partes e faculdades de seu corpo em perfeita ordem e em tal harmonia consigo mesmo e com seu ambiente que expressa o domínio do espírito sobre a carne. Que significado novo e profundo a palavra francesa *bienséance*<sup>[12]</sup> passa a conter!

Se for verdadeira a premissa de que graça significa economia de força, então segue-se como uma sequência lógica que uma prática constante de comportamento gracioso deve trazer consigo uma reserva e armazenamento de força. Boas maneiras, portanto, significam poder em repouso. Quando os bárbaros gauleses, durante o saque de Roma, invadiram o Senado reunido e ousaram puxar as barbas dos veneráveis Padres, pensamos que a culpa era dos velhos cavalheiros, na medida em que lhes faltava dignidade e força de costumes. A elevada realização espiritual é realmente possível através da etiqueta? Por que não? — Todos os caminhos levam a Roma!

Como exemplo de como a coisa mais simples pode ser transformada em arte e depois tornar-se cultura espiritual, posso citar *Cha-no-yu*, a cerimônia do chá. Beber chá como uma arte! Por que não deveria ser? Nos desenhos das crianças na areia, ou na escultura selvagem na rocha, estava a promessa de um Rafael ou de um Miguel Ângelo. Quanto mais o consumo de uma bebida, que começou com a contemplação transcendental de um anacoreta hindu, tem o direito de se transformar em uma serva da Religião e da Moralidade? Essa

calma de espírito, essa serenidade de temperamento, essa compostura e tranquilidade de comportamento, que são os primeiros fundamentos de *Cha-no-yu*, são sem dúvida as primeiras condições do pensamento correto e do sentimento correto. A limpeza escrupulosa da pequena sala, isolada da vista e do som da multidão enlouquecida, é por si só propícia para desviar os pensamentos do mundo. O interior vazio não prende a atenção com inúmeros quadros e bugigangas como numa sala ocidental; a presença de *kakemono*<sup>[13]</sup> chama nossa atenção mais para a graça do design do que para a beleza da cor. O máximo refinamento do gosto é o objeto almejado; enquanto qualquer coisa parecida com a exibição é banida com o horror religioso. O próprio fato de ter sido inventada por um recluso contemplativo, numa época em que as guerras e os rumores de guerras eram incessantes, é bem calculado para mostrar que esta instituição era mais do que um passatempo. Antes de entrar no recinto tranquilo do salão de chá, o grupo reunido para participar da cerimônia deixa de lado, junto com suas espadas, a ferocidade do campo de batalha ou os cuidados do governo, para ali encontrar a paz e a amizade.

*Cha-no-yu* é mais do que uma cerimônia – é uma bela arte; é poesia, com gestos articulados para ritmo: é um *modus operandi* de disciplina da alma. O seu maior valor reside nesta última fase. Não raro as outras fases preponderavam na mente dos seus devotos, mas isso não prova que a sua essência não fosse de natureza espiritual.

A polidez será uma grande aquisição, se não fizer mais do que conferir graça às boas maneiras; mas a sua função não termina aqui. Pois a propriedade, que surge de motivos de benevolência e modéstia, e é movida por sentimentos ternos para com a sensibilidade dos outros, é sempre uma expressão graciosa de simpatia. Sua exigência é que choremos com aqueles que choram e nos regozijemos com aqueles que se alegram. Tal exigência didática, quando reduzida a pequenos detalhes da vida cotidiana, expressa-se em pequenos atos quase imperceptíveis ou, se notados, é, como me disse uma vez uma senhora missionária com vinte anos de residência, “terrivelmente engraçado”. Você está sob o sol quente e ofuscante, sem sombra sobre você; passa um conhecido

japonês; você o aborda e instantaneamente ele tira o chapéu - bem, isso é perfeitamente natural, mas a performance “terrivelmente engraçada” é que, enquanto ele fala com você, ele fica com a sombrinha abaixada e ele também fica sob o sol forte. Que tolice! — Sim, exatamente isso, desde que o motivo fosse menor do que este: “Você está no sol; Eu simpatizei com você; Eu colocaria você de bom grado sob minha sombrinha se ela fosse grande o suficiente ou se nos conhecêssemos bem; como não posso protegê-lo, compartilharei seus desconfortos.” Pequenos atos deste tipo, tão ou mais divertidos, não são meros gestos ou convencionalidades. Eles são a “transformação” de sentimentos atenciosos para o conforto dos outros.

Outro costume “terrivelmente engraçado” é ditado pelos nossos cânones de Polidez; mas muitos escritores superficiais sobre o Japão rejeitaram-no, atribuindo-o simplesmente à instabilidade geral da nação. Todo estrangeiro que tenha observado isso confessará o constrangimento que sentiu ao dar uma resposta adequada na ocasião. Na América, quando você faz um presente, você canta louvores ao destinatário; no Japão nós o depreciamos ou caluniamos. A ideia subjacente a você é: *“Este é um belo presente: se não fosse bonito, eu não ousaria dá-lo a você; pois será um insulto dar-lhe qualquer coisa que não seja boa”*. Em contraste com isso, nossa lógica é: *“Você é uma pessoa magnífica e nenhum presente é bom o suficiente para você. Você não aceitará nada que eu possa colocar a seus pés, exceto como prova de minha boa vontade; então aceite isso, não pelo seu valor intrínseco, mas como um símbolo. Será um insulto ao seu valor considerar o melhor presente bom o suficiente para você”*. Coloque as duas ideias lado a lado; e vemos que a ideia final é a mesma. Nenhum dos dois é “muito engraçado”. O americano fala do material que compõe o presente; os japoneses falam do espírito que motiva o dom.

É um raciocínio perverso concluir, porque nosso senso de propriedade se manifesta em todas as menores ramificações de nossa conduta, pegar a menos importante delas e defendê-la como o tipo, e julgar o próprio princípio. O que é mais importante: comer ou observar regras de decoro na

alimentação? Um sábio chinês responde: “*Se você pegar um caso em que comer é muito importante e observar as regras de propriedade é de pouca importância, e compará-los, por que simplesmente dizer que comer é de maior importância?*” “*O metal é mais pesado que as penas*”, mas será que esse ditado se refere a um único fecho de metal e a um vagão cheio de penas? Pegue um pedaço de madeira com trinta centímetros de espessura e eleve-o acima do pináculo de um templo; ninguém o chamaria de mais alto que o templo. À pergunta: “*O que é mais importante: dizer a verdade ou ser educado?*” diz-se que os japoneses dão uma resposta diametralmente oposta à que o americano dirá - mas evito qualquer comentário até falar da Veracidade.

# VERDADE OU VERACIDADE

A verdade é uma virtude sem a qual a polidez é uma farsa e um espetáculo. “*A propriedade levada além dos limites corretos*”, diz Masamuné, “*torna-se uma mentira*”. Um poeta antigo superou Polônio no conselho que dá: “*Sê fiel a ti mesmo: se em teu coração não te desviares da verdade, sem tua oração os Deuses te manterão inteiro*”. A apoteose da Sinceridade a que Tsu-tsu dá expressão na *Doutrina do Meio*, atribui-lhe poderes transcendentais, quase identificando-os com o Divino. “*A sinceridade é o fim e o começo de todas as coisas; sem Sinceridade não haveria nada*”. Ele então se detém com eloquência em sua natureza abrangente e duradoura, em seu poder de produzir mudanças sem movimento e, por sua mera presença, em realizar seu propósito sem esforço. A partir do ideograma chinês para Sinceridade, que é uma combinação de “Palavra” e “Perfeito”, somos tentados a traçar um paralelo entre ele e a doutrina neoplatônica do *Logos* – a tal altura o sábio se eleva em seu inusitado vôo místico.

Mentira ou equívoco eram considerados igualmente covardes. O bushi sustentava que a sua elevada posição social exigia um padrão de veracidade mais elevado do que o do comerciante e do camponês. *Bushi no ichi-gon* — a palavra de um samurai ou no exato equivalente alemão *ein Ritterwort* — era garantia suficiente da veracidade de uma afirmação. A sua palavra tinha tanto peso que as promessas eram geralmente feitas e cumpridas sem um compromisso escrito, o que teria sido considerado muito abaixo da sua dignidade. Muitas anedotas emocionantes foram contadas sobre aqueles que expiaram com a morte o *ni-gon*, uma língua dupla.

A consideração pela veracidade era tão elevada que, ao contrário da maioria dos cristãos que violam persistentemente as claras ordens do Mestre de não jurar, o melhor dos samurais considerava o juramento depreciativo à sua honra. Estou bem

ciente de que eles juraram por diferentes divindades ou por suas espadas; mas nunca os palavrões degeneraram em forma desenfreada e interjeição irreverente. Para enfatizar nossas palavras, às vezes recorria-se à prática de selar literalmente com sangue. Para a explicação de tal prática, basta encaminhar meus leitores ao Fausto de Goethe.

Um escritor americano recente é responsável por esta afirmação, de que se você perguntar a um japonês comum o que é melhor, contar uma falsidade ou ser indelicado, ele não hesitará em responder “*contar uma falsidade!*” Dr. Peery<sup>[14]</sup> está parcialmente certo e parcialmente errado; certo no sentido de que um japonês comum, até mesmo um samurai, pode responder da maneira que lhe é atribuída, mas errado ao atribuir muito peso ao termo que ele traduz como “falsidade”. Esta palavra (em *uso japonês*) é empregada para denotar qualquer coisa que não seja uma verdade (*makoto*) ou um fato (*honto*). Lowell nos diz que Wordsworth não conseguia distinguir entre verdade e fato, e um japonês comum é, nesse aspecto, tão bom quanto Wordsworth. Peça a um japonês, ou mesmo a um americano de qualquer refinamento, que lhe diga se ele não gosta de você ou se está com dor de estômago, e ele não hesitará muito em contar mentiras e responder: “*Gosto muito de você*” ou “*Estou muito bem, obrigado*”. Sacrificar a verdade meramente por uma questão de educação era considerado uma “forma vazia” (*kyo-rei*) e “engano por meio de palavras doces”, e nunca foi justificado.

Reconheço que estou falando agora da ideia de veracidade do Bushido; mas talvez não seja errado dedicar algumas palavras à nossa integridade comercial, da qual tenho ouvido muitas reclamações em livros e jornais estrangeiros. Uma moralidade empresarial frouxa tem sido, de facto, a pior mancha na nossa reputação nacional; mas antes de abusar dele ou de condenar precipitadamente toda a raça por isso, estudemo-lo com calma e seremos recompensados com consolação para o futuro.

De todas as grandes ocupações da vida, nenhuma estava mais distante da profissão das armas do que o comércio. O comerciante foi colocado em último lugar na categoria de vocações: o cavaleiro, o lavrador da terra, o mecânico, o

comerciante. O samurai obtinha sua renda da terra e podia até se dedicar, se quisesse, à agricultura amadora; mas o contador e o ábaco eram abomináveis. Conhecíamos a sabedoria deste arranjo social. Montesquieu deixou claro que excluir a nobreza das atividades mercantis era uma política social admirável, na medida em que impedia a acumulação de riqueza nas mãos dos poderosos. A separação entre poder e riqueza manteve a distribuição destas últimas mais equitativa. O professor Dill, autor de *“Sociedade Romana no Último Século do Império Ocidental”*, trouxe novamente à nossa mente que uma das causas da decadência do Império Romano foi a permissão dada à nobreza para se envolver no comércio, e a consequente monopólio de riqueza e poder por uma minoria das famílias senatoriais.

O comércio, portanto, no Japão feudal não atingiu o grau de desenvolvimento que teria alcançado em condições mais livres. O descrédito associado à vocação naturalmente trouxe para seu âmbito aqueles que pouco se importavam com a reputação social. *“Chame alguém de ladrão e ele roubará”*. Coloque um estigma em uma vocação e seus seguidores ajustam sua moral a ela, pois é natural que *“a consciência normal”*, como diz Hugh Black, *“esteja à altura das exigências feitas a ela”*. E cai facilmente até o limite do padrão esperado dele. É desnecessário acrescentar que nenhum negócio, comercial ou não, pode ser realizado sem um código de moral. Nossos mercadores do período feudal tinham uma entre si, sem a qual nunca poderiam ter desenvolvido, como desenvolveram, instituições mercantis fundamentais como a corporação, o banco, a bolsa, os seguros, os cheques, as letras de câmbio, etc.; mas nas suas relações com pessoas fora da sua vocação, os comerciantes viviam demasiado fiéis à reputação da sua ordem.

Assim sendo, quando o país foi aberto ao comércio exterior, apenas os mais aventureiros e inescrupulosos correram para os portos, enquanto as casas comerciais respeitáveis recusaram durante algum tempo os repetidos pedidos das autoridades para estabelecer sucursais. O Bushido foi impotente para conter a corrente de desonra comercial? Deixe-nos ver.

Aqueles que estão bem familiarizados com a nossa história lembrar-se-ão que apenas alguns anos depois de os portos do nosso tratado terem sido abertos ao comércio exterior, o feudalismo foi abolido, e quando com ele os feudos dos samurais foram tomados e títulos emitidos para eles em compensação. Eles receberam liberdade para investi-los em transações mercantis. Agora você pode perguntar: “*Por que eles não puderam trazer a tão alardeada veracidade para suas novas relações comerciais e assim reformar os antigos abusos?*” Aqueles que tinham olhos para ver não conseguiam chorar o suficiente, aqueles que tinham corações para sentir não conseguiam simpatizar o suficiente com o destino de muitos samurais nobres e honestos que falharam de forma notável e irrevogável em seu novo e desconhecido campo de comércio e indústria, por pura falta de astúcia ao lidar com seu astuto rival plebeu. Quando sabemos que oitenta por cento das casas comerciais falham num país tão industrial como a América, não é de admirar que dificilmente um entre cem samurais que se dedicaram ao comércio pudesse ter sucesso na sua nova vocação? Levará muito tempo até que se reconheça quantas fortunas foram destruídas na tentativa de aplicar a ética do Bushido aos métodos de negócios; mas logo ficou evidente para todas as mentes observadoras que os caminhos da riqueza não eram os caminhos da honra. Em que aspectos, então, eles eram diferentes?

Dos três incentivos à Veracidade que Lecky enumera, a saber: o industrial, o político e o filosófico, o primeiro estava completamente ausente no Bushido. Quanto ao segundo, pouco poderia desenvolver-se numa comunidade política sob um sistema feudal. É no seu aspecto filosófico e, como diz Lecky, no seu aspecto mais elevado, que a Honestidade alcançou posição elevada em nosso catálogo de virtudes. Com todo o meu sincero respeito pela elevada integridade comercial da raça anglo-saxônica, quando peço o terreno definitivo, dizem-me que “*a honestidade é a melhor política*”, que vale a pena ser honesto. Não é esta virtude, então, a sua própria recompensa? Se for seguido porque traz mais dinheiro do que falsidade, temo que o Bushido preferiria se entregar a mentiras!

Se o Bushido rejeitar uma doutrina de recompensas *quid pro quo*, o comerciante mais astuto a aceitará prontamente. Lecky observou com muita razão que a Veracidade deve seu crescimento em grande parte ao comércio e à manufatura; como diz Nietzsche, “A *honestidade é a mais jovem das virtudes*” – por outras palavras, é a filha adotiva da indústria, da indústria moderna. Sem esta mãe, Veracidade era como um órfão de sangue azul que apenas a mente mais cultivada poderia adotar e nutrir. Tais mentes eram comuns entre os samurais, mas, por falta de uma mãe adotiva mais democrática e utilitária, a tenra criança não conseguiu prosperar. Avançando as indústrias, a Veracidade provará ser uma virtude fácil, ou melhor, lucrativa de praticar. Basta pensar que, ainda em Novembro de 1880, Bismarck enviou uma circular aos cônsules profissionais do Império Alemão, alertando-os sobre “uma lamentável falta de fiabilidade no que diz respeito às remessas alemãs, *inter alia*, aparente tanto em termos de qualidade como de quantidade”; hoje em dia ouvimos comparativamente pouco sobre o descuido e a desonestidade alemã no comércio. Em vinte anos, os seus comerciantes aprenderam que, no final, a honestidade compensa. Nossos comerciantes já estão descobrindo isso. Quanto ao resto, recomendo ao leitor dois escritores recentes para um julgamento bem ponderado sobre este ponto<sup>[15]</sup>. É interessante observar a este respeito que a integridade e a honra eram as garantias mais seguras que mesmo um comerciante devedor poderia apresentar na forma de notas promissórias. Era bastante comum inserir cláusulas como estas: “*Na falta do reembolso da quantia que me foi emprestada, nada direi contra ser ridicularizado em público*”; ou “*Caso eu não pague, você pode me chamar de tolo*” e coisas do gênero.

Muitas vezes me perguntei se a Veracidade do Bushido tinha algum motivo superior à coragem. Na ausência de qualquer mandamento positivo contra o falso testemunho, a mentira não era condenada como pecado, mas simplesmente denunciada como fraqueza e, como tal, altamente desonrosa. Na verdade, a ideia de honestidade está tão intimamente misturada, e a sua etimologia latina e alemã estão tão identificadas com Honra, que já é hora de parar por alguns

momentos para considerar esta característica dos Preceitos da Cavalaria.

# HONRA

O sentido de honra, implicando uma consciência vívida da dignidade e do valor pessoal, não poderia deixar de caracterizar o samurai, nascido e criado para valorizar os deveres e privilégios da sua profissão. Embora a palavra normalmente usada hoje em dia como tradução de Honra não fosse usada livremente, a ideia era transmitida por termos como *na* (nome), *men-moku* (semblante), *guai-bun* (audição externa), lembrando-nos respectivamente do uso bíblico de “nome”, da evolução do termo “personalidade” da máscara grega, e de “fama”. Um bom nome – a reputação de alguém, a parte imortal de si mesmo, o que permanece sendo bestial – assumido como algo natural, qualquer violação de sua integridade era sentida como vergonha, e o sentimento de vergonha (*Ren-chi-shin*) era um deles. dos primeiros a serem valorizados na educação juvenil. “*Você será ridicularizado*”, “*Isso o desonrará*”, “*Você não tem vergonha?*” foram o último apelo para corrigir o comportamento por parte de um jovem delinquente. Tal recurso à sua honra tocou o ponto mais sensível do coração da criança, como se ela tivesse sido amamentada com honra enquanto estava no ventre da mãe; pois a honra é, na verdade, uma influência pré-natal, estando intimamente ligada a uma forte consciência familiar. “*Ao perder a solidariedade das famílias*”, diz Balzac, “*a sociedade perdeu a força fundamental que Montesquieu chamou de Honra*”. Na verdade, o sentimento de vergonha parece-me ser a primeira indicação da consciência moral da nossa raça. O primeiro e pior castigo que se abateu sobre a humanidade por provar “*o fruto daquela árvore proibida*” não foi, a meu ver, a tristeza do parto, nem os espinhos e abrolhos, mas o despertar do sentimento de vergonha. Poucos incidentes na história superam em pathos a cena da primeira mãe trabalhando com o peito arfante e dedos trêmulos, sua agulha tosca nas poucas folhas de figueira que seu abatido marido arrancou para ela. Este primeiro fruto da desobediência se apega a nós com uma tenacidade que nada mais consegue. Toda a engenhosidade indumentária da humanidade ainda não conseguiu costurar um

aventual que esconda eficazmente o nosso sentimento de vergonha. Estava certo aquele samurai que se recusou a comprometer seu caráter por meio de uma leve humilhação em sua juventude; “*porque*”, disse ele, “*a desonra é como uma cicatriz numa árvore, que o tempo, em vez de apagar, apenas ajuda a aumentar*”.

Mencius havia ensinado séculos antes, quase na mesma frase, o que Carlyle expressou recentemente, – a saber, que “*a vergonha é o solo de toda virtude, de boas maneiras e bons costumes*”.

O medo da desgraça era tão grande que, se a nossa literatura carece da eloquência que Shakespeare põe na boca de Norfolk, ela, no entanto, pairava como a espada de Dâmocles sobre a cabeça de todo samurai e muitas vezes assumia um caráter mórbido. Em nome da Honra, foram perpetrados atos que não encontram justificação no código do Bushido. Ao menor, ou melhor, insulto imaginário, o fanfarrão de temperamento explosivo se ofendeu, recorreu ao uso da espada, e muitos conflitos desnecessários foram levantados e muitas vidas inocentes foram perdidas. A história de um cidadão bem-intencionado que chamou a atenção de um bushi para uma pulga pulando em suas costas e que foi imediatamente cortado em dois, pela simples e questionável razão de que, sendo as pulgas parasitas que se alimentam de animais, foi é um insulto imperdoável identificar um nobre guerreiro com uma fera – digo, histórias como essas são frívolas demais para serem acreditadas. No entanto, a circulação de tais histórias implica três coisas; (1) que foram inventados para intimidar as pessoas comuns; (2) que realmente foram cometidos abusos na profissão de honra do samurai; e (3) que se desenvolveu entre eles um sentimento de vergonha muito forte. É claramente injusto usar um caso anormal para culpar os Preceitos, assim como não julgar o verdadeiro ensino de Cristo a partir dos frutos do fanatismo religioso e da extravagância – inquisições e hipocrisia. Mas, assim como na monomania religiosa há algo de comoventemente nobre, em comparação com o delirium tremens de um bêbado, também naquela extrema sensibilidade

do samurai quanto à sua honra não reconhecemos o substrato de uma virtude genuína?

O excesso mórbido em que o delicado código de honra tendia a correr foi fortemente contrabalançado pela pregação da magnanimidade e da paciência. Ficar ofendido com uma leve provocação era ridicularizado como *“temperamento explosivo”*. O ditado popular dizia: *“Suportar o que você pensa que não pode suportar é realmente suportar”*. O grande Iyéyasu deixou para a posteridade algumas máximas, entre as quais estão as seguintes: *“A vida do homem é como percorrer uma longa distância com uma carga pesada sobre os ombros. Não tenha pressa. \* \* \* Não censure ninguém, mas esteja sempre atento às suas próprias falhas. \* \* \* A tolerância é a base da duração dos dias.”* Ele provou em sua vida o que pregou. Um humor literário colocou um epigrama característico na boca de três personagens bem conhecidos da nossa história: a Nobunaga ele atribuiu: *“Eu a matarei, se o rouxinol não cantar a tempo”*; para Hidéyoshi: *“Vou forçá-la a cantar para mim”*; e para Iyéyasu: *“Vou esperar até que ela abra os lábios”*.

Paciência e longanimidade também foram altamente elogiados por Mencius. Em certo lugar ele escreve neste sentido: *“Embora você se desnude e me insulte, o que isso significa para mim? Você não pode contaminar minha alma com sua indignação”*. Em outro lugar ele ensina que a raiva por uma ofensa mesquinha é indigna de um homem superior, mas a indignação por uma grande causa é uma ira justa.

Até que ponto de mansidão não marcial e sem resistência o Bushido poderia alcançar em alguns de seus devotos, pode ser visto em suas declarações. Tomemos, por exemplo, este ditado de Ogawa: *“Quando outros falam todo tipo de coisas más contra ti, não retribua mal com mal, mas antes reflita que você não foi mais fiel no cumprimento de seus deveres”*. Veja outro de Kumazawa: *“Quando os outros te culparem, não os culpe; quando outros estiverem com raiva de você, não retribua a raiva. A alegria só vem como parte da Paixão e do Desejo”*. Ainda outro exemplo que posso citar de Saigo, sobre cujas sobranceiras penderes *“a vergonha tem vergonha de sentar”*; *“O Caminho é o caminho do Céu e da*

*Terra: a função do homem é segui-lo: portanto, faça dele o objeto de sua vida para reverenciar. Paraíso. O céu ama a mim e aos outros com igual amor; portanto, com o amor com que você ama a si mesmo, ame os outros. Não faça do Homem seu parceiro, mas do Céu, e faça do Céu seu parceiro, faça o seu melhor. Nunca condene os outros; mas certifique-se de que você não fique aquém do seu próprio alvo*". Alguns desses ditos lembram-nos as exposições cristãs e mostram-nos até que ponto na moralidade prática a religião natural pode aproximar-se do revelado. Esses ditos não apenas permaneceram como enunciados, mas foram realmente incorporados em atos.

Deve-se admitir que muito poucos atingiram este sublime patamar de magnanimidade, paciência e perdão. Foi uma grande pena que nada de claro e geral tenha sido expresso sobre o que constitui a Honra, apenas algumas mentes esclarecidas estavam cientes de que ela *“não surge de nenhuma condição”*, mas que reside em cada um desempenhar bem a sua parte: pois nada era mais fácil do que para os jovens esquecerem no calor da ação o que aprenderam em Mencius nos momentos mais calmos. Disse este sábio: *“Está na mente de todo homem amar a honra: mas ele nem sonha que o que é verdadeiramente honroso está dentro de si mesmo e não em nenhum outro lugar. A honra que os homens conferem não é uma boa honra. Aqueles a quem Chão, o Grande, enobrece, ele pode tornar maus novamente”*.

Na maior parte dos casos, um insulto era rapidamente ressentido e retribuído com a morte, como veremos mais tarde, enquanto a Honra – muitas vezes nada mais elevada do que a vã glória ou a aprovação mundana – era valorizada como o *summum bonum* da existência terrena. A fama, e não a riqueza ou o conhecimento, era o objetivo pelo qual os jovens tinham de se esforçar. Muitos rapazes juraram consigo mesmos, ao cruzarem o limiar de sua casa paterna, que não a cruzariam novamente até que tivessem feito um nome no mundo: e muitas mães ambiciosas recusaram-se a ver seus filhos novamente, a menos que pudessem *“voltar para casa”*, como é a expressão, *“enfeitado com brocado”*. Para evitar a vergonha ou ganhar um nome, os meninos samurais se submetiam a

quaisquer privações e passavam pelas mais severas provações de sofrimento físico ou mental. Eles sabiam que a honra conquistada na juventude aumenta com a idade. No memorável cerco de Osaka, um jovem filho de Iyéyasu, apesar de seus sinceros apelos para ser colocado na vanguarda, foi colocado na retaguarda do exército. Quando o castelo caiu, ele ficou tão decepcionado e chorou tão amargamente que um velho conselheiro tentou consolá-lo com todos os recursos ao seu dispor. *“Conforte-se, senhor”*, disse ele, *“ao pensar no longo futuro que tem pela frente. Nos muitos anos que você viver, surgirão diversas ocasiões para se distinguir”*. O menino fixou seu olhar indignado no homem e disse: *“Como você fala tolamente! Algum dia meu décimo quarto ano poderá voltar?”*

A própria vida era considerada barata se a honra e a fama pudessem ser alcançadas com ela: portanto, sempre que se apresentava uma causa considerada mais cara que a vida, com a maior serenidade e celeridade a vida era estabelecida.

# O DEVER DE LEALDADE

Das causas em comparação com as quais nenhuma vida era cara demais para ser sacrificada, foi o Dever de Lealdade a pedra angular que fazia das virtudes feudais um arco simétrico. Há outras virtudes que a moralidade feudal tem em comum com outros sistemas de ética, com outras classes de pessoas, mas esta virtude – homenagem e fidelidade a um superior – é a sua característica distintiva. Estou ciente de que a fidelidade pessoal é uma adesão moral existente entre todos os tipos e condições de homens – uma gangue de batedores de carteira deve lealdade a um Fagin; mas é apenas no código de honra cavalheiresca que a Lealdade assume importância primordial.

Apesar da crítica de Hegel de que a fidelidade dos vassallos feudais, sendo uma obrigação para com um indivíduo e não para com uma Comunidade, é um vínculo estabelecido com base em princípios totalmente injustos<sup>[16]</sup>, um grande compatriota seu vangloriou-se de que a lealdade pessoal era um Virtude alemã. Bismarck tinha boas razões para fazê-lo, não porque o *Treue* de que se orgulha fosse o monopólio da sua pátria ou de qualquer nação ou raça, mas porque este fruto favorecido da cavalaria perdura mais tarde entre os povos onde o feudalismo durou mais tempo. Na América, onde “*todo mundo é tão bom quanto qualquer outro*” e, como acrescentou o irlandês, “*melhor também*”, ideias tão exaltadas de lealdade como as que sentimos pelo nosso soberano podem ser consideradas “*excelentes dentro de certos limites*”, mas absurdas quando encorajadas. entre nós. Montesquieu queixou-se há muito tempo que o certo de um lado dos Pirenéus era errado do outro, e o recente julgamento de Dreyfus provou a veracidade da sua observação, excepto que os Pirenéus não eram a única fronteira além da qual a justiça francesa não chega a acordo. Da mesma forma, a Lealdade, tal como a concebemos, pode encontrar poucos admiradores noutros lugares, não porque a nossa concepção esteja errada,

mas porque, receio, esteja esquecida, e também porque a levamos a um grau não alcançado em nenhum outro país. Griffis<sup>[17]</sup> tinha toda a razão ao afirmar que, enquanto na China a ética confucionista fazia da obediência aos pais o principal dever humano, no Japão era dada precedência à Lealdade. Correndo o risco de chocar alguns dos meus bons leitores, contarei sobre alguém “*que poderia suportar seguir um senhor caído*” e que, assim, como assegura Shakespeare, “*ganhou um lugar na história*”.

A referência é de um dos personagens mais puros da nossa história, Michizané, que, vítima de ciúmes e calúnias, é exilado da capital. Não satisfeitos com isso, seus inimigos implacáveis estão agora empenhados na extinção de sua família. A busca rigorosa por seu filho - ainda não crescido - revela o fato de ele ter sido escondido em uma escola de aldeia mantida por um certo Genzo, um ex-vassalo de Michizané. Quando são enviadas ordens ao mestre-escola para entregar a cabeça do menor infrator em determinado dia, sua primeira ideia é encontrar um substituto adequado para ela. Ele reflete sobre sua lista escolar, examina com olhar atento todos os meninos, enquanto eles entram na sala de aula, mas nenhuma das crianças nascidas da terra tem a menor semelhança com seu protegido. Seu desespero, porém, dura apenas um momento; pois eis que um novo estudioso é anunciado - um belo menino da mesma idade do filho de seu mestre, escoltado por uma mãe de semblante nobre. Não menos conscientes da semelhança entre o senhor infantil e o criado infantil estavam a mãe e o próprio menino. Na privacidade do lar, ambos se deitaram no altar, um, a sua vida; o outro, o seu coração; mas sem sinal para o mundo exterior. Sem saber o que se passou entre eles, é do professor que vem a sugestão.

Aqui, então, está o bode expiatório! - O resto da narrativa pode ser contado brevemente. - No dia marcado, chega o oficial encarregado de identificar e receber o chefe do jovem. Ele será enganado pela cabeça falsa? A mão do pobre Genzo está no punho da espada, pronto para desferir um golpe no homem ou em si mesmo, caso o exame derrote seu plano. O oficial pega o objeto horrível que tem diante de si, examina calmamente cada característica e, num tom deliberado e

profissional, declara-o genuíno. — Naquela noite, em uma casa solitária, aguarda a mãe que vimos na escola. Ela sabe o destino de seu filho? Não é pelo seu regresso que ela assiste com ansiedade à abertura do postigo. Seu sogro recebeu por muito tempo as recompensas de Michizané, mas desde seu banimento as circunstâncias forçaram seu marido a seguir o serviço do inimigo do benfeitor de sua família. Ele próprio não poderia ser infiel ao seu mestre cruel; mas seu filho poderia servir à causa do senhor do avô. Conhecedor da família do exilado, foi a ele que foi confiada a tarefa de identificar a cabeça do menino. Agora que o trabalho árduo do dia – sim, da vida – está concluído, ele volta para casa e, ao cruzar a soleira, aborda sua esposa, dizendo: *“Alegra-te, minha esposa, nosso querido filho provou ser útil ao seu senhor!”*

*“Que história atroz!”* Ouço meus leitores exclamarem: *“Pais sacrificando deliberadamente seu próprio filho inocente para salvar a vida de outro homem”*. Mas esta criança foi uma vítima consciente e voluntária: é uma história de morte vicária – tão significativa como, e não mais revoltante, do que a história do pretendido sacrifício de Isaque por Abraão. Em ambos os casos foi obediência ao chamado do dever, submissão total ao comando de uma voz mais elevada, seja dada por um anjo visível ou invisível, ou ouvida por um ouvido externo ou interno; mas me abstenho de pregar.

O individualismo do Ocidente, que reconhece interesses separados para pai e filho, marido e mulher, traz necessariamente à tona os deveres de um para com o outro; mas o Bushido sustentou que o interesse da família e dos seus membros está intacto, uno e inseparável. Este interesse está ligado ao afeto natural, instintivo e irresistível; portanto, se morrermos por alguém que amamos com amor natural (que os próprios animais possuem), o que é isso? *“Porque, se amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Nem fazem até mesmo os publicanos assim?”*

Em sua grande história, Sanyo relata em linguagem comovente a luta do coração de Shigemori em relação à conduta rebelde de seu pai. *“Se eu for leal, meu pai será destruído; se eu obedecer a meu pai, meu dever para com meu soberano será errado”*. Pobre Shigemori! Depois o vemos

orando com toda a sua alma para que o gentil Céu possa visitá-lo com a morte, para que ele possa ser libertado deste mundo onde é difícil habitar a pureza e a retidão.

Muitos Shigemori têm o coração dilacerado pelo conflito entre dever e afeto. Na verdade, nem Shakespeare nem o próprio Antigo Testamento contêm uma tradução adequada de *ko*, a nossa concepção de piedade filial, e ainda assim, em tais conflitos, o Bushido nunca vacilou na sua escolha de Lealdade. As mulheres também encorajaram os seus descendentes a sacrificar tudo pelo rei. Sempre tão resoluta quanto a viúva Windham e seu ilustre consorte, a matrona samurai estava pronta para desistir de seus filhos pela causa da Lealdade.

Uma vez que o Bushido, tal como Aristóteles e alguns sociólogos modernos, concebeu o Estado como anterior ao indivíduo – este último nascendo no primeiro como parte integrante deste – ele deve viver e morrer por ele ou pelo titular da sua autoridade legítima. Os leitores de Críton se lembrarão do argumento com o qual Sócrates representa as leis da cidade como se estivessem implorando a ele a respeito de sua fuga. Entre outros, ele faz com que eles (as leis ou o estado) digam: “*Já que você foi gerado, nutrido e educado sob nós, não ouse dizer que você não é nosso filho e servo, você e seus pais antes de você!*” São palavras que não nos impressionam como algo extraordinário; pois a mesma coisa está há muito tempo nos lábios do Bushido, com esta modificação, que as leis e o estado foram representados entre nós por um ser pessoal. A lealdade é um resultado ético desta teoria política.

Não ignoro totalmente a opinião do Sr. Spencer, segundo a qual a obediência política – a Lealdade – tem apenas uma função transitória<sup>[18]</sup>. Pode ser que sim. Basta a cada dia a sua virtude. Podemos repeti-lo com complacência, especialmente porque acreditamos *que esse dia é um longo espaço de tempo, durante o qual, assim diz o nosso hino nacional, “pequenos seixos transformam-se em rochas poderosas cobertas de musgo”*. Podemos lembrar, nesta conjuntura, que mesmo entre um povo tão democrático como o inglês, “*o sentimento de fidelidade pessoal a um homem e à sua posteridade que os*

*seus antepassados germânicos sentiam pelos seus chefes”, como disse recentemente Monsieur Boutmy, “só passou, mais ou menos na sua profunda lealdade à raça e ao sangue dos seus príncipes, como evidenciado no seu extraordinário apego à dinastia.”*

A subordinação política, prevê Spencer, dará lugar à lealdade e aos ditames da consciência. Suponhamos que a sua indução se concretize – a lealdade e o seu concomitante instinto de reverência desaparecerão para sempre? Transferimos nossa lealdade de um mestre para outro, sem sermos infiéis a nenhum deles; de súditos de um governante que empunha o cetro temporal, nos tornamos servos do monarca que está entronizado na penitência de nosso coração. Há alguns anos, uma controvérsia muito estúpida, iniciada pelos equivocados discípulos de Spencer, causou estragos entre a classe leitora do Japão. No seu zelo de defender a reivindicação do trono à lealdade indivisa, acusaram os cristãos de tendências traiçoeiras, na medida em que confessam fidelidade ao seu Senhor e Mestre. Eles apresentaram argumentos sofisticados sem a inteligência dos sofistas, e tortuosidades escolásticas sem as sutilezas dos escolásticos. Mal sabiam eles que podemos, em certo sentido, *“servir a dois senhores sem nos apegarmos a um ou desprezar o outro”, “dando a César as coisas que são de César e a Deus as coisas que são de Deus”*. Sócrates, embora se recusasse inflexivelmente a conceder um pingote de lealdade ao seu *daemon*, não obedeceu com igual fidelidade e equanimidade ao comando do seu senhor terreno, o Estado? Sua consciência ele seguiu, viva; seu país ele serviu, morrendo. Quase não chegará o dia em que um Estado se torne tão poderoso que exija dos seus cidadãos os ditames da sua consciência!

O Bushido não exigia que tornássemos a nossa consciência escrava de qualquer senhor ou rei. Thomas Mowbray foi um verdadeiro porta-voz para nós quando disse:

*“Eu me jogo, temível soberano, aos teus pés.*

*Minha vida você comandará, mas não minha vergonha.*

*Aquele que meu dever deve; mas meu belo nome,*

*Apesar da morte, que vive no meu túmulo,  
Para o uso da desonra sombria, você não terá”.*

Um homem que sacrificasse sua própria consciência à vontade caprichosa, à aberração ou à fantasia de um soberano recebia um lugar inferior na avaliação dos Preceitos. Tal pessoa era desprezada como *nei-shin*, um medroso, que corteja através de bajulação inescrupulosa ou como *chô-shin*, um favorito que rouba o afeto de seu mestre por meio de submissão servil; essas duas espécies de sujeitos correspondem exatamente àquelas que Iago descreve - aquele, um patife zeloso e torto, apaixonado por sua própria servidão obsequiosa, desgastando seu tempo como o traseiro de seu mestre; o outro aparado em formas e semblantes de dever, mantendo ainda seu coração atento a si mesmo. Quando um súdito diferia de seu mestre, o caminho leal a seguir era usar todos os meios disponíveis para persuadi-lo de seu erro, como Kent fez com o Rei Lear. Se isso falhar, deixe o mestre lidar com ele como quiser. Em casos desse tipo, era comum o samurai fazer o último apelo à inteligência e à consciência de seu senhor, demonstrando a sinceridade de suas palavras com o derramamento de seu próprio sangue.

# EDUCAÇÃO E TREINAMENTO DE UM SAMURAI

Sendo a vida considerada como o meio pelo qual servir o seu mestre, e sendo o seu ideal baseado na honra, todos foram conduzidos em conformidade. O primeiro ponto a observar na pedagogia cavalheiresca foi a construção do caráter, deixando na sombra as faculdades mais sutis da prudência, da inteligência e da dialética. Vimos o importante papel que as realizações estéticas desempenharam em sua educação. Por mais indispensáveis que fossem para um homem de cultura, eram acessórios e não essenciais para o treinamento do samurai. A superioridade intelectual era, obviamente, estimada; mas a palavra *Chi*, que era empregada para denotar intelectualidade, significava sabedoria em primeiro lugar e colocava o conhecimento apenas num lugar muito subordinado. Dizia-se que o tripé que sustentava a estrutura do Bushido era *Chi, Jin, Yu*, respectivamente Sabedoria, Benevolência e Coragem. Um samurai era essencialmente um homem de ação. A ciência não tinha o âmbito de sua atividade. Ele aproveitou-se disso no que se referia à sua profissão de armas. A religião e a teologia foram relegadas aos sacerdotes; ele se preocupou com eles na medida em que ajudavam a nutrir a coragem. Como um poeta inglês, o samurai acreditava que *“não é o credo que salva o homem; mas é o homem que justifica o credo”*. A filosofia e a literatura constituíram a parte principal de sua formação intelectual; mas mesmo na busca por estes, não era a verdade objetiva que ele buscava – a literatura era perseguida principalmente como um passatempo, e a filosofia como uma ajuda prática na formação do caráter, se não para a exposição de algum problema militar ou político

.

Pelo que foi dito, não será surpreendente notar que o currículo de estudos, de acordo com a pedagogia do Bushido, consistia principalmente no seguinte: esgrima, tiro com arco,

*jiujutsu* ou *yawara* , equitação, uso da lança, tática , caligrafia, ética, literatura e história. Destes, *o jiu-jitsu* e a caligrafia podem exigir algumas palavras de explicação. Grande ênfase foi dada à boa escrita, provavelmente porque nossos logogramas, participando como fazem da natureza das imagens, possuem valor artístico, e também porque a quirografia foi aceita como indicativa do caráter pessoal de alguém. *O Jiu-jitsu* pode ser brevemente definido como uma aplicação do conhecimento anatômico para fins de ataque ou defesa. Difere da luta livre porque não depende da força muscular. Difere de outras formas de ataque porque não utiliza armas. Sua façanha consiste em agarrar ou golpear uma parte do corpo do inimigo que o deixe entorpecido e incapaz de resistir. Seu objetivo não é matar, mas incapacitar alguém para a ação por enquanto.

Um tema de estudo que se esperaria encontrar na educação militar e que se destaca pela sua ausência no curso de instrução do Bushido é a matemática. Isto, contudo, pode ser facilmente explicado em parte pelo fato de a guerra feudal não ter sido conduzida com precisão científica. Não só isso, mas todo o treinamento do samurai era desfavorável à promoção de noções numéricas.

A cavalaria não é econômica; orgulha-se da penúria. Diz com Ventidius que *“a ambição, a virtude do soldado, escolhe antes a perda do que o ganho que o obscurece”*. Dom Quixote se orgulha mais de sua lança enferrujada e de seu cavalo de pele e osso do que de ouro e terras, e um samurai sente profunda simpatia por seu exagerado confrade de La Mancha. Ele despreza o próprio dinheiro – a arte de ganhá-lo ou acumulá-lo. É para ele um lucro verdadeiramente imundo. A expressão banal para descrever a decadência de uma época é *“que os civis amavam o dinheiro e os soldados temiam a morte”*. A avareza com o ouro e com a vida suscita tanta desaprovação quanto seu uso pródigo é panegírico. *“Menos do que todas as coisas”*, diz um preceito atual, *“os homens devem ressentir-se do dinheiro: é pelas riquezas que a sabedoria é prejudicada”*. Conseqüentemente, as crianças foram criadas com total desrespeito à economia. Era considerado de mau gosto falar sobre isso, e a ignorância do valor das diferentes

moedas era um sinal de boa educação. O conhecimento dos números era indispensável tanto na reunião de forças como na distribuição de benefícios e feudos; mas a contagem do dinheiro foi deixada para mãos mais mesquinhas. Em muitos feudatários, as finanças públicas eram administradas por um tipo inferior de samurai ou por sacerdotes. Todo bushi pensante sabia muito bem que o dinheiro era o nervo da guerra; mas ele não pensou em elevar a valorização do dinheiro a uma virtude. É verdade que a parcimônia foi ordenada pelo Bushido, mas não tanto por razões económicas como para o exercício da abstinência. O luxo era considerado a maior ameaça à masculinidade, e a mais severa simplicidade era exigida da classe guerreira, sendo aplicadas leis suntuárias em muitos dos clãs.

Lemos que na Roma antiga os agricultores de receitas e outros agentes financeiros foram gradualmente elevados à categoria de cavaleiros, mostrando o Estado assim o seu apreço pelo seu serviço e pela importância do próprio dinheiro. Pode-se imaginar quão intimamente isso estava ligado ao luxo e à avareza dos romanos. Não é assim com os Preceitos da Cavalaria. Estes persistiram em considerar sistematicamente as finanças como algo baixo – inferior em comparação com as vocações morais e intelectuais.

Sendo o dinheiro e o amor por ele tão diligentemente ignorados, o próprio Bushido poderia permanecer por muito tempo livre de mil e um males dos quais o dinheiro é a raiz. Isto é razão suficiente para que os nossos homens públicos estejam há muito tempo livres da corrupção; mas, infelizmente, quão rapidamente a plutocracia está a abrir caminho no nosso tempo e na nossa geração!

A disciplina mental que hoje em dia seria auxiliada principalmente pelo estudo da matemática foi fornecida pela exegese literária e pelas discussões deontológicas. Muito poucos assuntos abstratos perturbavam a mente dos jovens, sendo o objetivo principal de sua educação, como já disse, a decisão de carácter. Pessoas cujas mentes estavam simplesmente repletas de informações não encontraram grandes admiradores. Dos três serviços de estudos que Bacon oferece – para deleite, ornamento e habilidade – o Bushido

decidiu preferir o último, onde seu uso era “*no julgamento e na disposição dos negócios*”. Quer fosse para a gestão dos negócios públicos, quer para o exercício do autocontrole, era com vista a um fim prático que a educação era conduzida. “*Aprender sem pensar*”, disse Confúcio, “*é trabalho perdido: pensar sem aprender é perigoso*”.

Quando o caráter e não a inteligência, quando a alma e não a cabeça, é escolhida por um professor como material a ser trabalhado e desenvolvido, sua vocação participa de um caráter sagrado. “*Foi o pai que me deu à luz: foi o professor que me tornou homem*”. Com essa ideia, portanto, a estima que se tinha pelo preceptor era muito elevada. Um homem para evocar tal confiança e respeito nos jovens, deve necessariamente ser dotado de personalidade superior, sem lhe faltar erudição. Ele foi um pai para os órfãos e um conselheiro para os errantes. “*Teu pai e tua mãe*” – assim diz nossa máxima – “*são como o céu e a terra; teu professor e teu senhor são como o sol e a lua*”.

O atual sistema de pagamento de todo tipo de serviço não estava em voga entre os adeptos do Bushido. Acreditava num serviço que só pode ser prestado sem dinheiro e sem preço. O serviço espiritual, seja ele de sacerdote ou professor, não deveria ser pago em ouro ou prata, não porque não tivesse valor, mas porque era inestimável. Aqui o instinto de honra não-aritmético do Bushido ensinou uma lição mais verdadeira do que a Economia Política moderna; pois salários e vencimentos só podem ser pagos por serviços cujos resultados sejam definidos, tangíveis e mensuráveis, ao passo que o melhor serviço prestado na educação, nomeadamente, no desenvolvimento da alma (e isto inclui os serviços de um pastor), não é definido, tangível ou mensurável. Sendo imensurável, o dinheiro, a medida ostensiva de valor, é de uso inadequado. O uso sancionava que os alunos trouxessem dinheiro ou bens aos professores em diferentes épocas do ano; mas estes não eram pagamentos, mas ofertas, que na verdade eram bem-vindas aos beneficiários, pois geralmente eram homens de calibre severo, gabando-se de uma penúria honrosa, dignos demais para trabalhar com as mãos e orgulhosos demais para mendigar. Eles eram graves

personificações de alto astral, destemidos pela adversidade. Eles eram a personificação do que era considerado o fim de todo aprendizado e, portanto, um exemplo vivo daquela disciplina de disciplinas, o Auto-Controle, que era universalmente exigido dos samurais.

# AUTO-CONTROLE

A disciplina da fortaleza, por um lado, inculcando resistência sem gemidos, e o ensino da polidez, por outro, exigindo que não prejudiquemos o prazer ou a serenidade do outro com manifestações de nossa própria tristeza ou dor, combinados para gerar uma virada estóica de espírito e, eventualmente, confirmá-lo como um traço nacional de aparente estoicismo. Digo estoicismo aparente, porque não acredito que o verdadeiro estoicismo possa algum dia tornar-se a característica de uma nação inteira, e também porque alguns dos nossos modos e costumes nacionais podem parecer insensíveis a um observador estrangeiro. No entanto, somos tão suscetíveis a emoções ternas quanto qualquer raça sob o céu.

Estou inclinado a pensar que, num certo sentido, temos de sentir mais do que outros – sim, duplamente mais – uma vez que a própria tentativa de restringir os estímulos naturais acarreta sofrimento. Imagine meninos – e meninas também – educados a não recorrer ao derramamento de lágrimas ou à emissão de um gemido para o alívio de seus sentimentos – e há um problema fisiológico se tal esforço fortalece seus nervos ou os torna mais sensíveis.

Era considerado pouco masculino para um samurai trair suas emoções em seu rosto. “*Ele não mostra nenhum sinal de alegria ou raiva*”, foi uma frase usada para descrever um caráter forte. Os afetos mais naturais foram mantidos sob controle. Um pai só poderia abraçar o filho à custa da sua dignidade; um marido não beijaria sua esposa – não, não na presença de outras pessoas, não importa o que ele fizesse em particular! Pode haver alguma verdade na observação de um jovem espirituoso quando disse: “*Os maridos americanos beijam as suas esposas em público e batem-nas em privado; Os maridos japoneses batem nos seus em público e os beijam em privado*”.

A calma de comportamento e a compostura mental não devem ser perturbadas por qualquer tipo de paixão. Lembro-

me de quando, durante a última guerra com a China, um regimento deixou uma certa cidade, uma grande multidão de pessoas reuniu-se na estação para se despedir do general e do seu exército. Nesta ocasião, um residente americano recorreu ao local, esperando testemunhar grandes manifestações, pois a própria nação estava muito entusiasmada e havia pais, mães e namorados dos soldados na multidão. O americano ficou estranhamente desapontado; pois quando o apito soou e o trem começou a se mover, os chapéus de milhares de pessoas foram silenciosamente retirados e suas cabeças inclinadas em reverente despedida; nenhum movimento de lenços, nenhuma palavra pronunciada, mas um silêncio profundo em que apenas um ouvido atento poderia captar alguns soluços entrecortados. Também na vida doméstica conheço um pai que passou noites inteiras ouvindo a respiração de uma criança doente, ficando atrás da porta para não ser apanhado em tal ato de fraqueza parental! Conheço uma mãe que, nos últimos momentos, se absteve de mandar buscar o filho, para que ele não fosse perturbado nos estudos. Nossa história e nossa vida cotidiana estão repletas de exemplos de matronas heróicas que podem muito bem ser comparadas com algumas das páginas mais comoventes de Plutarco. Entre o nosso campesinato, um Ian Maclaren certamente encontraria muitas Marget Howe.

É a mesma disciplina de autocontrole que é responsável pela ausência de reavivamentos mais frequentes nas igrejas cristãs do Japão. Quando um homem ou uma mulher sente a sua alma agitada, o primeiro instinto é suprimir silenciosamente qualquer indicação disso. Em raros casos a língua é libertada por um espírito irresistível, quando temos eloquência de sinceridade e fervor. É valorizar a violação do terceiro mandamento encorajar falar levemente sobre a experiência espiritual. É realmente chocante para os ouvidos japoneses ouvir as palavras mais sagradas, as experiências mais secretas do coração, lançadas em audiências promíscuas. *“Você sente o solo de sua alma agitado por pensamentos ternos? É hora de as sementes brotarem. Não o perturbe com a fala; mas deixe-o funcionar sozinho, em silêncio e segredo”*, escreve um jovem samurai em seu diário.

Expressar tantas palavras articuladas os pensamentos e sentimentos mais íntimos – especialmente os religiosos – é considerado entre nós como um sinal inequívoco de que eles não são nem muito profundos nem muito sinceros. “*Só é uma romã aquele*” – assim diz um ditado popular – “*que, quando abre a boca, revela o conteúdo do seu coração*”.

Não é de toda perversidade das mentes orientais que, no instante em que nossas emoções são movidas, tentemos proteger nossos lábios para escondê-las. A fala é muitas vezes entre nós, como o francês a definiu, “*a arte de ocultar o pensamento*”.

Chame um amigo japonês em momentos de aflição mais profunda e ele invariavelmente o receberá rindo, com olhos vermelhos ou bochechas úmidas. A princípio você pode achá-lo histérico. Pressione-o para obter uma explicação e você obterá alguns lugares-comuns quebrados – “*A vida humana tem tristeza*”; “*Aqueles que se encontram devem se separar*”; “*Aquele que nasce deve morrer*”; “*É tolice contar os anos de uma criança que já faleceu, mas o coração de uma mulher se entregará a loucuras*”; e similar. Assim, as nobres palavras de um nobre Hohenzollern – “*Lerne zu leiden ohne Klagen*” – encontraram muitas mentes receptivas entre nós, muito antes de serem pronunciadas.

Na verdade, os japoneses recorrem ao ridículo sempre que as fragilidades da natureza humana são postas à prova mais severamente. Penso que possuímos uma razão melhor do que o próprio Demócrito para a nossa tendência Abderiana; pois o riso entre nós muitas vezes oculta um esforço para recuperar o equilíbrio do temperamento, quando perturbado por qualquer circunstância desagradável. É um contrapeso de tristeza ou raiva.

Sendo assim constantemente insistidas na supressão dos sentimentos, eles encontram sua válvula de escape no aforismo poético. Um poeta do século X escreve: “*Também no Japão e na China, a humanidade, quando movida pela tristeza, conta em versos sua amarga dor*”. Uma mãe que tenta consolar seu coração partido imaginando que seu filho falecido está ausente em sua habitual perseguição à libélula, cantarola:

“Até onde hoje está a perseguição, eu me pergunto,  
Foi-se meu caçador de libélulas!”

Abstenho-me de citar outros exemplos, pois sei que só poderia fazer pouca justiça às jóias peroladas da nossa literatura, se traduzisse para uma língua estrangeira os pensamentos que foram arrancados gota a gota de corações sangrentos e entrelaçados em contas do mais raro valor. Espero ter mostrado, até certo ponto, aquele funcionamento interno de nossas mentes que muitas vezes apresenta uma aparência de insensibilidade ou de uma mistura histórica de riso e desânimo, e cuja sanidade às vezes é questionada.

Também foi sugerido que a nossa resistência à dor e a indiferença à morte se devem a nervos menos sensíveis. Isso é plausível até onde vai. A próxima pergunta é: por que nossos nervos estão menos tensos? Pode ser que o nosso clima não seja tão estimulante como o americano. Pode ser que a nossa forma monárquica de governo não nos entusiasme tanto como a República o faz ao francês. Pode ser que não leiamos *Sartor Resartus* com tanto zelo quanto o inglês. Pessoalmente, acredito que foi a nossa própria excitabilidade e sensibilidade que tornou necessário reconhecer e impor a auto-repressão constante; mas qualquer que seja a explicação, sem levar em conta longos anos de disciplina no autocontrole, nenhuma pode estar correta.

A disciplina no autocontrole pode facilmente ir longe demais. Pode muito bem reprimir a corrente genial da alma. Pode forçar naturezas flexíveis a distorções e monstruosidades. Pode gerar intolerância, gerar hipocrisia ou hebetar afetos. Seja uma virtude nunca tão nobre, ela tem sua contrapartida e falsificação. Devemos reconhecer em cada virtude a sua própria excelência positiva e seguir o seu ideal positivo, e o ideal de autocontrole é manter a nossa mente *nivelada* - como é a nossa expressão - ou, tomando emprestado um termo grego, atingir o estado de *eutimia*, que Demócrito chamou o bem maior.

# AS INSTITUIÇÕES DE SUICÍDIO E REPARAÇÃO

O apogeu do autocontrole é alcançado e melhor ilustrado na primeira das duas instituições que apresentaremos agora; nomeadamente, as Instituições do Suicídio e Reparação, dos quais (o primeiro conhecido como *hara-kiri* e o último como *kataki-uchi* ) muitos escritores estrangeiros trataram de forma mais ou menos completa.

Para começar com o suicídio, deixe-me afirmar que limito minhas observações apenas ao *seppuku* ou *kappuku*, popularmente conhecido como *hara-kiri* – que significa autoimolação por estripação. “*Rasgando o abdômen? Que absurdo!*” – assim gritam aqueles para quem o nome é novo. Por mais absurdamente estranho que possa parecer à primeira vista para ouvidos estrangeiros, não pode ser tão estranho para os estudantes de Shakespeare, que coloca estas palavras na boca de Brutus: “*Teu espírito (de César) caminha para o exterior e transforma nossas espadas em nossas próprias entranhas*”. Ouçam um poeta inglês moderno, que em seu livro *Light of Asia*, fala de uma espada perfurando as entranhas de uma rainha: ninguém o culpa por um mau inglês ou por quebra de modéstia. Ou, para dar ainda outro exemplo, vejamos a pintura de Guercino sobre a morte de Catão, no Palazzo Rossa, em Gênova. Quem leu o canto do cisne que Addison faz Cato cantar, não zombará da espada meio enterrada em seu abdômen. Em nossas mentes, esse modo de morte está associado a exemplos de atos mais nobres e de pathos mais tocantes, de modo que nada repugnante, muito menos ridículo, prejudica nossa concepção dele. Tão maravilhoso é o poder transformador da virtude, da grandeza, da ternura, que a mais vil forma de morte assume uma sublimidade e se torna um símbolo de uma nova vida, ou então - o sinal que Constantino contemplou não conquistaria o mundo!

Não é apenas por associações estranhas que *o seppuku* perde em nossa mente qualquer vestígio de absurdo; pois a escolha desta parte específica do corpo para operar baseou-se em uma antiga crença anatômica quanto à sede da alma e das afeições. Quando Moisés escreveu sobre as “*entranhas de seu irmão*” de José, ou Davi orou ao Senhor para não esquecer suas entranhas, ou quando Isaías, Jeremias e outros homens inspirados da antiguidade falaram do “*sopro*” ou da “*perturbação*” das entranhas, eles todos e cada um endossaram a crença predominante entre os japoneses de que no abdômen estava consagrada a alma. Os semitas habitualmente falavam do fígado e dos rins e da gordura circundante como a sede da emoção e da vida. O termo *hara* era mais abrangente do que o grego *phren* ou *thumos*, e tanto os japoneses quanto os helenos pensavam que o espírito do homem habitava em algum lugar daquela região. Tal noção não está de forma alguma confinada aos povos da antiguidade. Os franceses, apesar da teoria proposta por um dos seus mais ilustres filósofos, Descartes, de que a alma está localizada na glândula pineal, ainda insistem em usar o termo *ventre* num sentido que, embora anatomicamente demasiado vago, é, no entanto, fisiologicamente significativo. Da mesma forma, *entrailles* representa em sua linguagem afeto e compaixão. Tampouco tal crença é mera superstição, sendo mais científica do que a ideia geral de fazer do coração o centro dos sentimentos. Sem perguntar a um frade, os japoneses sabiam melhor do que Romeu “*em que parte vil desta anatomia o nome de alguém se alojava*”. Os neurologistas modernos falam dos cérebros abdominal e pélvico, denotando assim centros nervosos simpáticos nas partes que são fortemente afetadas por qualquer ação psíquica. Uma vez admitida esta visão da fisiologia mental, o silogismo do *seppuku* é fácil de construir. “*Vou abrir o assento da minha alma e mostrar-lhe como ela se comporta. Veja por si mesmo se está poluído ou limpo*”.

Não desejo ser entendido como uma afirmação de justificativa religiosa ou mesmo moral para o suicídio, mas a alta estima dada à honra foi uma ampla desculpa para muitos tirarem a própria vida. Quantos concordaram com o sentimento expresso por Garth: “*Quando a honra é perdida, é um alívio morrer; / A morte é apenas um retiro seguro da*

*infâmia*”, e sorrindo entregaram suas almas ao esquecimento! A morte, quando a honra estava envolvida, era aceita no Bushido como uma chave para a solução de muitos problemas complexos, de modo que, para um samurai ambicioso, um afastamento natural da vida parecia um assunto bastante inofensivo e uma consumação que não deveria ser desejada com devoção. Ouso dizer que muitos bons cristãos, se forem suficientemente honestos, confessarão o fascínio, se não a admiração positiva, pela sublime compostura com que Catão, Brutus, Petronius e uma série de outros antigos dignos terminaram a sua própria existência terrena. Será demasiado ousado sugerir que a morte do primeiro dos filósofos foi parcialmente suicida? Quando seus alunos nos contam tão minuciosamente como seu mestre se submeteu voluntariamente ao mandato do Estado - que ele sabia ser moralmente equivocado – apesar das possibilidades de fuga, e como ele pegou o copo de cicuta com as próprias mãos, mesmo oferecendo libação de seu conteúdo mortal, não discernimos em todo o seu procedimento e comportamento um ato de autoimolação? Nenhuma compulsão física aqui, como em casos comuns de execução. É verdade que o veredicto dos juízes era obrigatório: dizia: “*Tu morrerás – e isso pelas tuas próprias mãos*”. Se o suicídio significasse nada mais do que morrer pelas próprias mãos, Sócrates foi um caso claro de suicídio. Mas ninguém o acusaria do crime; Platão, que era avesso a isso, não chamaria seu mestre de suicida.

Agora meus leitores compreenderão que *o seppuku* não foi um mero processo suicida. Era uma instituição, legal e cerimonial. Invenção da Idade Média, era um processo pelo qual os guerreiros podiam expiar os seus crimes, desculpar-se pelos erros, escapar da desgraça, redimir os amigos ou provar a sua sinceridade. Quando aplicado como punição legal, era praticado com a devida cerimônia. Era um refinamento de autodestruição, e ninguém poderia realizá-lo sem a máxima frieza de temperamento e compostura de comportamento, e por estas razões era particularmente adequado à profissão de bushi.

A curiosidade antiquária, no mínimo, me tentaria a dar aqui uma descrição desse cerimonial obsoleto; mas visto que

tal descrição foi feita por um escritor muito mais hábil, cujo livro não é muito lido hoje em dia, sinto-me tentado a fazer uma citação um tanto extensa. Mitford, em seu *“Tales of Old Japan”*, depois de traduzir um tratado sobre *seppuku* de um raro manuscrito japonês, prossegue descrevendo um exemplo de tal execução da qual ele foi testemunha ocular:

*“Nós (sete representantes estrangeiros) fomos convidados a seguir o testemunho japonês até o hondo ou salão principal do templo, onde a cerimônia seria realizada. Foi uma cena imponente. Um grande salão com telhado alto sustentado por pilares de madeira escura. Do teto pendia uma profusão daquelas enormes lâmpadas douradas e ornamentos peculiares aos templos budistas. Em frente ao altar-mor, onde o chão, coberto de lindas esteiras brancas, se eleva uns sete ou dezoito centímetros do chão, foi colocado um tapete de feltro escarlate. Velas altas colocadas em intervalos regulares emitiam uma luz fraca e misteriosa, apenas o suficiente para permitir que todos os acontecimentos fossem vistos. Os sete japoneses ocuparam seus lugares à esquerda do piso elevado, os sete estrangeiros à direita. Nenhuma outra pessoa estava presente.*

*“Após o intervalo de alguns minutos de suspense ansioso, Taki Zenzaburo, um homem robusto de trinta e dois anos de idade, com um ar nobre, entrou no salão vestido com seu vestido de cerimônia, com as peculiares asas de tecido de cânhamo que são usado em grandes ocasiões. Ele estava acompanhado por um kaishaku e três oficiais, que usavam o jimbaori ou manto de guerra com forro de tecido dourado. A palavra kaishaku, deve-se observar, é aquela para a qual nossa palavra executor não é um termo equivalente. O ofício é o de um cavalheiro: em muitos casos é desempenhado por um parente ou amigo do condenado, e a relação entre eles é mais a de principal e segundo do que a de vítima e carrasco. Neste caso, o kaishaku era aluno de Taki Zenzaburo, e foi selecionado por amigos deste último entre seus próprios por sua habilidade na esgrima.*

*“Com o kaishaku na mão esquerda, Taki Zenzaburo avançou lentamente em direção às testemunhas japonesas, e os dois curvaram-se diante delas, depois aproximando-se dos*

*estrangeiros nos saudaram da mesma forma, talvez até com mais deferência; em cada caso, a saudação foi retribuída cerimoniosamente. Lentamente e com grande dignidade, o condenado subiu ao piso elevado, prostrou-se duas vezes diante do altar-mor e sentou-se<sup>[19]</sup> no tapete de feltro, de costas para o altar-mor, com o kaishaku agachado à sua esquerda. Um dos três oficiais assistentes avançou então, carregando um suporte do tipo usado no templo para oferendas, sobre o qual, embrulhado em papel, estava o wakizashi, a espada curta ou adaga dos japoneses, com nove polegadas e meia de comprimento. , com uma ponta e um gume tão afiados quanto uma navalha. Ele entregou-o, prostrando-se, ao condenado, que o recebeu com reverência, levando-o à cabeça com as duas mãos e colocando-o diante de si.*

*“Depois de outra profunda reverência, Taki Zenzaburo, com uma voz que traía tanta emoção e hesitação quanto se poderia esperar de um homem que está fazendo uma confissão dolorosa, mas sem nenhum sinal disso em seu rosto ou em seus modos, falou o seguinte: «Eu, e somente eu, demos injustificadamente a ordem para atirar nos estrangeiros em Kobe, e novamente enquanto eles tentavam escapar. Por este crime eu me estripei e imploro a vocês que estão presentes que me dêem a honra de testemunhar o ato.»*

*“Curvando-se mais uma vez, o orador permitiu que suas roupas superiores escorregassem até o cinto e permaneceu nu até a cintura. Cuidadosamente, de acordo com o costume, ele enfiou as mangas sob os joelhos para evitar cair para trás; pois um nobre cavaleiro japonês deveria morrer caindo para frente. Deliberadamente, com mão firme, ele pegou o punhal que estava diante dele; ele olhou para ela melancolicamente, quase afetuosamente; por um momento, ele pareceu organizar seus pensamentos pela última vez e, em seguida, esfaqueando-se profundamente abaixo da cintura, no lado esquerdo, puxou lentamente o punhal para o lado direito e, girando-o no ferimento, deu um leve golpe. corte para cima. Durante esta operação terrivelmente dolorosa, ele nunca moveu um músculo do rosto. Quando sacou o punhal, inclinou-se para a frente e esticou o pescoço; uma expressão de dor cruzou pela*

*primeira vez seu rosto, mas ele não emitiu nenhum som. Naquele momento, o kaishaku, que, ainda agachado ao seu lado, observava atentamente cada movimento seu, levantou-se de um salto e posicionou a espada no ar por um segundo; houve um clarão, um baque forte e feio, uma queda violenta; com um golpe a cabeça foi separada do corpo.*

*“Seguiu-se um silêncio mortal, quebrado apenas pelo barulho hediondo do sangue pulsando da cabeça inerte diante de nós, que apenas um momento antes era um homem corajoso e cavalheiresco. Foi horrível.*

*“O kaishaku fez uma reverência, limpou a espada com um pedaço de papel que tinha preparado para o efeito e retirou-se do piso elevado; e o punhal manchado foi levado solenemente, uma prova sangrenta da execução.*

*“Os dois representantes do Mikado deixaram então os seus lugares e, dirigindo-se para onde estavam sentadas as testemunhas estrangeiras, chamaram-nos para testemunhar que a sentença de morte imposta a Taki Zenzaburo tinha sido fielmente executada. Terminada a cerimônia, saímos do templo.”*

Eu poderia multiplicar qualquer número de descrições de *seppuku* provenientes da literatura ou do relato de testemunhas oculares; mas mais um exemplo será suficiente.

Dois irmãos, Sakon e Naiki, respectivamente com vinte e quatro e dezessete anos de idade, fizeram um esforço para matar Iyéyasu a fim de vingar os erros de seu pai; mas antes que pudessem entrar no campo, foram feitos prisioneiros. O velho general admirou a coragem dos jovens que ousaram atendê-lo e ordenou que lhes fosse permitido ter uma morte honrosa. Seu irmão mais novo, Hachimaro, um mero bebê de oito verões, foi condenado a um destino semelhante, pois a sentença foi pronunciada contra todos os membros masculinos da família, e os três foram levados para um mosteiro onde seria executado. Um médico presente na ocasião deixou-nos um diário do qual foi traduzida a seguinte cena. “Quando todos estavam sentados em fila para o despacho final, Sakon virou-se para o mais jovem e disse: «Vá primeiro, pois desejo ter certeza de que você está fazendo tudo certo.» Ao responder

*o pequeno que, como nunca tinha visto o seppuku ser realizado, gostaria de ver seus irmãos fazerem isso e então poderia acompanhá-los, os irmãos mais velhos sorriram entre lágrimas: «Muito bem, amiguinho! Então você pode se orgulhar de ser filho de nosso pai.» Quando o colocaram entre eles, Sakon enfiou a adaga no lado esquerdo de seu abdômen e perguntou: «Olha, irmão! Você entende agora? Apenas não empurre a adaga muito longe, para não cair para trás. Em vez disso, incline-se para a frente e mantenha os joelhos bem compostos.» Naiki fez o mesmo e disse ao menino: «Mantenha os olhos abertos ou você poderá parecer uma mulher moribunda. Se sua adaga sentir alguma coisa dentro de você e sua força falhar, tenha coragem e dobre seu esforço para atravessar.» A criança olhou de um para o outro, e quando ambos expiraram, ele calmamente se desnudou e seguiu o exemplo que lhe foi dado em cada mão.»*

A glorificação do *seppuku* ofereceu, naturalmente, uma grande tentação ao seu compromisso injustificado. Por causas totalmente incompatíveis com a razão, ou por razões totalmente indignas de morte, jovens impetuosos precipitaram-se para lá como os insectos voam para o fogo; motivos mistos e duvidosos levaram mais samurais a esse feito do que freiras aos portões do convento. A vida era barata – barata conforme considerado pelo padrão de honra popular. A característica mais triste era que a honra, que sempre esteve no *agio*, por assim dizer, nem sempre era ouro maciço, mas sim uma liga com metais mais básicos. Nenhum círculo no Inferno se orgulhará de ter maior densidade populacional japonesa do que o sétimo, ao qual Dante entrega todas as vítimas da autodestruição!

E, no entanto, para um verdadeiro samurai, apressar a morte ou cortejá-la era igualmente covardia. Um lutador típico, quando perdia batalha após batalha e era perseguido da planície até a colina e do mato até a caverna, encontrava-se faminto e sozinho no oco escuro de uma árvore, com a espada embotada pelo uso, o arco quebrado e as flechas esgotadas. o mais nobre dos romanos não caiu sobre sua própria espada em Filipos em circunstâncias semelhantes? Considerou covarde

morrer, mas com uma coragem que se aproxima da de um mártir cristão, animou-se com um verso improvisado:

*“Vir! venha sempre,  
Vocês temem tristezas e dores!  
E amontoar nas minhas costas um fardo;  
Que não me falte nenhum teste  
De quanta força resta em mim!”*

Este, então, era o ensinamento do Bushido: Suportar e enfrentar todas as calamidades e adversidades com paciência e consciência pura; pois, como Mencius<sup>[20]</sup> ensinou: *“Quando o Céu está prestes a conferir um grande ofício a alguém, primeiro exercita sua mente com sofrimento e seus tendões e ossos com trabalho; expõe o seu corpo à fome e o submete à pobreza extrema; e isso confunde seus empreendimentos. De todas essas maneiras, estimula sua mente, endurece sua natureza e supre suas incompetências”*. A verdadeira honra reside em cumprir o decreto do Céu e nenhuma morte incorrida ao fazê-lo é ignominiosa, enquanto a morte para evitar o que o Céu tem reservado é realmente covarde! Naquele curioso livro de Sir Thomas Browne, *Religio Medici*, há um equivalente exato em inglês para o que é repetidamente ensinado em nossos Preceitos. Deixe-me citar: *“É um ato de bravura e valor desprezar a morte, mas onde a vida é mais terrível que a morte, é então o verdadeiro valor ousar viver”*. Um renomado sacerdote do século XVII observou satiricamente: *“Por mais que fale, um samurai que nunca morreu está apto, em momentos decisivos, a fugir ou se esconder”*. Novamente – *“Aquele que uma vez morreu no fundo do peito, nenhuma lança de Sanada nem todas as flechas de Tametomo podem perfurar”*. Quão perto chegamos dos portais do templo cujo Construtor ensinou que *“aquele que perder a vida por minha causa, achá-la-á!”* Estes são apenas alguns dos numerosos exemplos que tendem a confirmar a identidade moral da espécie humana, apesar da tentativa tão assiduamente feita para tornar a distinção entre cristão e pagão tão grande quanto possível.

Vimos assim que a instituição Bushido do suicídio não era tão irracional nem bárbara como o seu abuso nos parece à primeira vista. Veremos agora se a sua instituição irmã de Reparação – ou chame-a de Vingança, se preferir – tem as suas características atenuantes. Espero poder resolver esta questão em poucas palavras, uma vez que uma instituição semelhante, ou chame-lhe costume, se assim lhe convier, prevaleceu em algum momento entre todos os povos e ainda não se tornou totalmente obsoleta, como atestam a continuação de duelos e linchamentos. Porque é que um capitão americano não desafiou recentemente Esterhazy, para que os erros de Dreyfus fossem vingados? Numa tribo selvagem que não tem casamento, o adultério não é pecado, e só o ciúme de um amante protege uma mulher do abuso: assim, numa época em que não há tribunal criminal, o homicídio não é crime, e apenas a vingança vigilante dos o povo da vítima preserva a ordem social. “*Qual é a coisa mais linda do mundo?*” disse Osíris a Hórus. A resposta foi: “*Para vingar os erros dos pais*” – ao que um japonês teria acrescentado “*e os erros de um mestre*”.

Na vingança há algo que satisfaz o senso de justiça da pessoa. O vingador raciocina: “*Meu bom pai não merecia a morte. Aquele que o matou fez um grande mal. Meu pai, se estivesse vivo, não toleraria um ato como este: o próprio céu odeia o mal. É a vontade do meu pai; é a vontade do Céu que o malfeitor cesse a sua obra. Ele deve perecer pelas minhas mãos; porque ele derramou o sangue de meu pai, eu, que sou sua carne e sangue, devo derramar o do assassino. O mesmo Céu não protegerá ele e eu*”. O raciocínio é simples e infantil (embora saibamos que Hamlet não raciocinou muito mais profundamente), mas mostra um senso inato de equilíbrio exato e justiça igual “*Olho por olho, dente por dente*”. Nosso senso de vingança é tão exato quanto nossa faculdade matemática, e até que ambos os termos da equação sejam satisfeitos, não conseguiremos superar o sentimento de que algo ficou por fazer.

No judaísmo, que acreditava num Deus ciumento, ou na mitologia grega, que fornecia um Nemesis, a vingança pode ser deixada a agentes sobre-humanos; mas o bom senso

forneceu ao Bushido a instituição da reparação como uma espécie de tribunal ético de equidade, onde as pessoas podiam aceitar casos que não fossem julgados de acordo com a lei comum. O mestre dos quarenta e sete Ronins foi condenado à morte; ele não tinha tribunal de instância superior ao qual recorrer; seus fiéis servidores dirigiram-se à Vingança, a única Suprema Corte existente; eles, por sua vez, foram condenados pela lei comum, mas o instinto popular fez um julgamento diferente e, portanto, sua memória ainda é mantida tão verde e perfumada quanto seus túmulos em Sengakuji até hoje.

Embora Lao-Tsé ensinasse a recompensar o dano com bondade, a voz de Confúcio era muito mais alta, ao aconselhar que o dano deveria ser recompensado com justiça; e ainda assim a vingança só era justificada quando era empreendida em nome dos nossos superiores e benfeitores. Os próprios erros, incluindo os danos causados à esposa e aos filhos, deveriam ser suportados e perdoados. Um samurai poderia, portanto, simpatizar plenamente com o juramento de Aníbal de vingar os erros de seu país, mas ele despreza James Hamilton por usar em seu cinto um punhado de terra do túmulo de sua esposa, como um incentivo eterno para vingar seus erros contra o regente Murray.

Ambas as instituições de suicídio e reparação perderam a sua *razão de ser* com a promulgação do código penal. Não ouvimos mais falar de aventuras românticas de uma bela donzela enquanto ela rastreia disfarçada o assassino de seu pai. Não podemos mais testemunhar tragédias de vingança familiar decretadas. A cavalaria errante de Miyamoto Musashi é agora uma história do passado. A polícia bem ordenada espiona o criminoso para a parte lesada e a lei aplica justiça. Todo o estado e a sociedade verão que o que é errado é corrigido. Satisfeito o senso de justiça, não há necessidade de *kataki-uchi*. Se isso significasse aquela “*fome do coração que se alimenta da esperança de saciar essa fome com o sangue vital da vítima*”, como descreveu um teólogo da Nova Inglaterra, alguns parágrafos do Código Penal não teriam sido tão inteiramente acabou com isso.

Quanto ao *seppuku*, embora ele também não exista *de jure*, ainda ouvimos falar dele de tempos em tempos, e

continuaremos a ouvir, receio, enquanto o passado for lembrado. Muitos métodos de autoimolação indolores e que poupam tempo estarão em voga, à medida que os seus adeptos aumentam com uma rapidez assustadora em todo o mundo; mas o professor Morselli terá de conceder ao *seppuku* uma posição aristocrática entre eles. Ele sustenta que “*quando o suicídio é realizado por meios muito dolorosos ou à custa de agonia prolongada, em noventa e nove casos entre cem, pode ser classificado como o ato de uma mente desordenada pelo fanatismo, pela loucura ou por uma doença mórbida*”<sup>[21]</sup>. Mas um *seppuku normal* não tem sabor de fanatismo, nem de loucura, nem de excitação, sendo necessário o máximo *de sangue frio* para sua realização bem-sucedida. Dos dois tipos em que o Dr. Strahan<sup>[22]</sup> divide o suicídio, o Racional ou Quase, e o Irracional ou Verdadeiro, *seppuku* é o melhor exemplo do primeiro tipo.

# A ESPADA A ALMA DO SAMURAI

A partir destas instituições sangrentas, bem como do teor geral do Bushido, é fácil inferir que a espada desempenhou um papel importante na disciplina social e na vida. O ditado passou como um axioma que chamava a Espada de a Alma do samurai, e fez dele o emblema de poder e coragem. Quando Mahomet proclamou que “*A espada é a chave do Céu e do Inferno*”, ele apenas ecoou um sentimento japonês. Muito cedo o menino samurai aprendeu a manejá-lo. Foi uma ocasião importante para ele quando, aos cinco anos de idade, ele foi vestido com a parafernália do traje de samurai, colocado em uma prancha<sup>[23]</sup> e iniciado nos direitos da profissão militar ao ter enfiado em seu cinto uma espada real. , em vez do punhal de brinquedo com o qual ele brincava. Depois desta primeira cerimônia de *adoptio per arma* , já não era mais visto fora dos portões da casa do pai sem esta insígnia do seu estatuto, mesmo que normalmente fosse substituída no uso diário por um punhal de madeira dourada. Não se passam muitos anos antes que ele use constantemente o aço genuíno, embora cego, e então os braços falsos são jogados de lado e com um prazer mais aguçado do que suas lâminas recém-adquiridas, ele marcha para testar seu uso em madeira e pedra. Quando ele atinge a condição de homem, aos quinze anos de idade, recebendo independência de ação, ele pode agora orgulhar-se de possuir armas suficientemente afiadas para qualquer trabalho. A própria posse do instrumento perigoso confere-lhe um sentimento e um ar de respeito próprio e responsabilidade. “*Ele não empunha sua espada em vão*”. O que ele carrega no cinto é um símbolo do que ele carrega na mente e no coração: Lealdade e Honra. As duas espadas, a mais longa e a mais curta – chamadas respectivamente *de daito* e *shoto* ou *katana* e *wakizashi* – nunca saem do seu lado. Quando estão em casa, enfeitam o lugar mais visível do escritório ou da sala; à noite, eles guardam seu travesseiro ao alcance de sua mão. Companheiros constantes, eles são amados e recebem nomes

próprios e carinhosos. Sendo venerados, eles são quase adorados. O Pai da História registrou como curiosa informação que os citas sacrificaram a uma cimitarra de ferro. Muitos templos e muitas famílias no Japão guardam uma espada como objeto de adoração. Até mesmo o punhal mais comum tem o devido respeito por ele. Qualquer insulto equivale a uma afronta pessoal. Ai daquele que pisa descuidadamente numa arma caída no chão!

Um objeto tão precioso não pode escapar por muito tempo à atenção e à habilidade dos artistas, nem à vaidade de seu dono, especialmente em tempos de paz, quando é usado sem mais utilidade do que um báculo por um bispo ou um cetro por um rei. Pele de tubarão e seda mais fina para o punho, prata e ouro para a guarda, laca de tons variados para a bainha, roubaram da arma mais mortal metade do seu terror; mas esses acessórios são brinquedos comparados à própria lâmina.

O ferreiro não era um mero artesão, mas um artista inspirado e a sua oficina um santuário. Diariamente ele iniciava seu ofício com oração e purificação, ou, como dizia a frase, “*ele dedicava sua alma e espírito ao forjamento e ao revenimento do aço*”. Cada balanço do trenó, cada mergulho na água, cada fricção na pedra de amolar era um ato religioso de pouca importância. Foi o espírito do mestre ou do seu deus tutelar que lançou um feitiço formidável sobre a nossa espada? Perfeito como obra de arte, desafiando os seus rivais de Toledo e Damasco, há mais do que a arte poderia transmitir. Sua lâmina fria, acumulando em sua superfície no momento em que é aspirada os vapores da atmosfera; sua textura imaculada, luz intermitente de tonalidade azulada; seu limite incomparável, sobre o qual dependem histórias e possibilidades; a curva de suas costas, unindo graça requintada com força máxima; - tudo isso nos emociona com sentimentos mistos de poder e beleza, de admiração e terror. Inofensiva era a sua missão, se ao menos permanecesse uma coisa bela e alegre! Mas, sempre ao alcance da mão, representava uma grande tentação de abuso. Muitas vezes a lâmina saía de sua bainha pacífica. O abuso às vezes chegava ao ponto de testar o aço adquirido no pescoço de alguma criatura inofensiva.

A questão que mais nos preocupa é, no entanto: o Bushido justificou o uso promíscuo da arma? A resposta é inequivocamente, não! Da mesma forma que colocou grande ênfase no seu uso adequado, também denunciou e abominou o seu uso indevido. Um covarde ou fanfarrão era aquele que brandia sua arma em ocasiões imerecidas. Um homem controlado sabe a hora certa de usá-lo, e esses momentos acontecem raramente. Ouçamos o falecido Conde Katsu, que passou por um dos tempos mais turbulentos da nossa história, quando assassinatos, suicídios e outras práticas sanguinárias estavam na ordem do dia. Dotado como já foi de poderes quase ditatoriais, repetidamente apontado como objeto de assassinato, ele nunca manchou sua espada com sangue. Ao relatar algumas de suas reminiscências a um amigo, ele diz, de uma forma singular e plebeia que lhe é peculiar: *“Não gosto muito de matar pessoas e por isso não matei um único homem. Eu libertei aqueles cujas cabeças deveriam ter sido decepadas. Um amigo me disse um dia: «Você não mata o suficiente. Você não come pimenta e berinjela? Bem, algumas pessoas não são melhores! Mas você vê que aquele sujeito foi morto.» Minha fuga pode ser devido à minha aversão a matar. Eu tinha o cabo da minha espada tão firmemente preso à bainha que era difícil desembainhar a lâmina. Decidi que, embora me cortem, não vou cortar. Sim Sim! algumas pessoas são realmente como pulgas e mosquitos e picam – mas o que significa a sua mordida? Coça um pouco, só isso; não colocará a vida em risco”*. Estas são as palavras de alguém cujo treinamento no Bushido foi testado na fornalha ardente da adversidade e do triunfo. O apotegma popular – *“Ser derrotado é conquistar”*, significando que a verdadeira conquista consiste em não se opor a um inimigo rebelde; e *“A melhor vitória conquistada é aquela obtida sem derramamento de sangue”*, e outros de importância semelhante – mostrarão que, afinal de contas, o ideal último da cavalaria era a Paz.

Foi uma pena que esse elevado ideal tenha sido deixado exclusivamente para sacerdotes e moralistas pregarem, enquanto os samurais continuavam praticando e exaltando características marciais. Nisso chegaram ao ponto de tingir os ideais de feminilidade com o caráter amazônico.

# A FORMAÇÃO E A POSIÇÃO DA MULHER

A metade feminina da nossa espécie tem sido por vezes chamada de modelo dos paradoxos, porque o funcionamento intuitivo da sua mente está além da compreensão da “*compreensão aritmética*” dos homens. O ideograma chinês que denota “*o misterioso*”, “*o incognoscível*” consiste em duas partes, uma significando “*jovem*” e a outra “*mulher*”, porque os encantos físicos e os pensamentos delicados do belo sexo estão acima do grosseiro calibre mental do nosso sexo para explicar.

No ideal de mulher do Bushido, entretanto, há pouco mistério e apenas um aparente paradoxo. Eu disse que era amazônico, mas isso é apenas meia verdade. Ideograficamente, os chineses representam a esposa por uma mulher segurando uma vassoura – certamente não para brandi-la ofensivamente ou defensivamente contra seu aliado conjugal, nem para bruxaria, mas para os usos mais inofensivos para os quais a vassoura foi inventada – a ideia envolvia ser, portanto, não menos caseira do que a derivação etimológica da esposa inglesa (tecelã) e filha (*duhitar*, leiteira). Sem limitar a esfera da atividade da mulher a *Küche*, *Kirche*, *Kinder*, como se diz que o atual Kaiser alemão faz, o ideal Bushido de feminilidade era preminentemente doméstico. Estas aparentes contradições – domesticidade e traços amazônicos – não são inconsistentes com os preceitos da cavalaria, como veremos.

Sendo o Bushido um ensinamento destinado principalmente ao sexo masculino, as virtudes que ele valorizava nas mulheres estavam naturalmente longe de serem distintamente femininas. Winckelmann observa que “*a beleza suprema da arte grega é mais masculina do que feminina*”, e Lecky acrescenta que isso era verdade tanto na concepção

moral dos gregos como na sua arte. O Bushido elogiou de forma semelhante aquelas mulheres que mais “*se emanciparam da fragilidade do seu sexo e demonstraram uma fortaleza heróica digna do mais forte e mais corajoso dos homens*”<sup>[24]</sup>. As meninas, portanto, eram treinadas para reprimir seus sentimentos, para endurecer seus nervos, para manipular armas, especialmente a espada de cabo longo chamada *nagi-nata*, para serem capazes de se defender contra probabilidades inesperadas. No entanto, o motivo principal para exercícios deste caráter marcial não era para uso em campo; era duplo – pessoal e doméstico. Mulher que não possuía suserano próprio, formou seu próprio guarda-costas. Com sua arma ela guardava sua santidade pessoal com tanto zelo quanto seu marido guardava a de seu mestre. A utilidade doméstica do seu treinamento bélico estava na educação dos filhos, como veremos mais adiante.

A esgrima e exercícios semelhantes, embora raramente de uso prático, constituíam um contrapeso saudável aos hábitos sedentários das mulheres. Mas estes exercícios não foram seguidos apenas por motivos de higiene. Eles poderiam ser usados em momentos de necessidade. As meninas, quando atingiam a idade adulta, eram presenteadas com punhais (*kai-ken*, punhal de bolso), que podiam ser direcionados ao seio de seus agressores ou, se aconselhável, ao seu próprio. Este último acontecia com muita frequência: e ainda assim não os julgarei severamente. Mesmo a consciência cristã, com o seu horror à autoimolação, não será dura com eles, visto que Pelagia e Domnina, duas suicidas, foram canonizadas pela sua pureza e piedade. Quando uma Virgínia japonesa viu sua castidade ameaçada, ela não esperou pela adaga de seu pai. Sua própria arma estava sempre em seu peito. Foi uma vergonha para ela não saber a maneira adequada pela qual deveria perpetrar a autodestruição. Por exemplo, por pouco que lhe tenha sido ensinada anatomia, ela deve saber o local exato onde cortar a garganta: deve saber amarrar os membros inferiores com um cinto para que, quaisquer que sejam as agonias da morte, seu cadáver seja encontrado na maior modéstia com os membros devidamente compostos. Uma advertência como esta não é digna da Perpétua cristã ou da

Vestal Cornélia? Eu não faria uma interrogação tão abrupta, se não fosse um equívoco, baseado nos nossos costumes de banho e outras ninharias, de que a castidade é desconhecida entre nós<sup>[25]</sup>. Pelo contrário, a castidade era uma virtude preeminente da mulher samurai, mantida acima da própria vida. Uma jovem, feita prisioneira, vendo-se em perigo de violência nas mãos dos rudes soldados, diz que obedecerá ao seu prazer, desde que primeiro lhe seja permitido escrever uma linha às suas irmãs, que a guerra dispersou em todas as direcções. Quando a epístola termina, ela corre para o poço mais próximo e salva sua honra afogando-se. A carta que ela deixa termina com estes versos:

*“Por medo de que as nuvens possam ofuscar sua luz,  
Ela deveria apenas pastar nesta esfera inferior,  
A jovem lua equilibrada acima da altura  
Apressadamente põe-se em fuga.”*

Seria injusto dar aos meus leitores a ideia de que a masculinidade por si só era o nosso ideal mais elevado para a mulher. Longe disso! Realizações e as graças mais gentis da vida eram exigidas deles. A música, a dança e a literatura não foram negligenciadas. Alguns dos melhores versos da nossa literatura eram expressões de sentimentos femininos; na verdade, as mulheres desempenharam um papel importante na história das *belas letras japonesas*. A dança era ensinada (estou falando de samurais e não de *gueixas*) apenas para suavizar a angularidade de seus movimentos. A música deveria alegrar as horas cansativas de seus pais e maridos; portanto, não foi pela técnica, pela arte como tal, que a música foi aprendida; pois o objetivo final era a purificação do coração, já que se dizia que nenhuma harmonia sonora é alcançável sem que o coração do músico esteja em harmonia consigo mesmo. Aqui novamente vemos prevalecer a mesma ideia que notamos no treinamento dos jovens – que as realizações sempre foram mantidas subservientes ao valor moral. Música e dança apenas o suficiente para acrescentar graça e brilho à vida, mas nunca para fomentar a vaidade e a extravagância. Simpatizo com o príncipe persa que, quando levado a um salão de baile em Londres e convidado a

participar da festa, observou sem rodeios que em seu país eles providenciavam um grupo específico de garotas para fazer esse tipo de negócio para eles.

As realizações das nossas mulheres não foram adquiridas para ostentação ou ascendência social. Eles eram uma diversão doméstica; e se brilhavam nas festas sociais, era como atributos de uma anfitriã – em outras palavras, como parte do artifício doméstico para a hospitalidade. A domesticidade orientou sua educação. Pode-se dizer que as realizações das mulheres do Antigo Japão, fossem elas de caráter marcial ou pacífico, destinavam-se principalmente ao lar; e, por mais longe que pudessem vagar, nunca perderam de vista a lareira como centro. Foi para manter a sua honra e integridade que eles trabalharam como escravos, trabalharam duro e desistiram das suas vidas. Noite e dia, em tons ao mesmo tempo firmes e ternos, corajosos e queixosos, cantavam para seus pequenos ninhos. Como filha, a mulher se sacrificou pelo pai, como esposa pelo marido e como mãe pelo filho. Assim, desde a mais tenra juventude, ela foi ensinada a negar a si mesma. Sua vida não foi de independência, mas de serviço dependente. Companheira do homem, se a sua presença ajuda ela fica no palco com ele: se isso atrapalha o seu trabalho, ela se retira para trás da cortina. Não é raro que um jovem se apaixone por uma donzela que retribui seu amor com igual ardor, mas, quando ela percebe que o interesse dele por ela o faz esquecer seus deveres, desfigura sua pessoa para que suas atrações possam cessar. Adzuma, a esposa ideal na mente das meninas samurais, se vê amada por um homem que, para conquistar seu afeto, conspira contra seu marido. Sob o pretexto de se juntar à conspiração culpada, ela consegue, no escuro, tomar o lugar do marido, e a espada do amante assassino desce sobre sua própria cabeça devotada.

A seguinte epístola escrita pela esposa de um jovem daimio, antes de tirar a própria vida, dispensa comentários: *“Muitas vezes ouvi que nenhum acidente ou acaso jamais estraga a marcha dos acontecimentos aqui embaixo, e que tudo se move de acordo com um plano. Refugiar-se sob um galho comum ou beber do mesmo rio é igualmente ordenado desde épocas anteriores ao nosso nascimento. Desde que nos*

*unimos pelos laços do casamento eterno, há apenas dois anos, meu coração tem te seguido, assim como sua sombra segue um objeto, inseparavelmente ligado de coração a coração, amando e sendo amado. Aprendendo recentemente, porém, que a batalha que se aproxima será a última de seu trabalho e de sua vida, receba a saudação de despedida de seu amoroso parceiro. Ouvi dizer que Kō-u, o poderoso guerreiro da China antiga, perdeu uma batalha, relutante em se separar de seu Gu favorito. Yoshinaka também, corajoso como era, trouxe o desastre para sua causa, fraco demais para se despedir imediatamente de sua esposa. Por que deveria eu, a quem a terra não oferece mais esperança ou alegria, por que deveria deter você ou seus pensamentos vivendo? Por que eu não deveria, antes, esperar por ti na estrada que toda espécie mortal deverá algum dia trilhar? Nunca, por favor, nunca se esqueça dos muitos benefícios que nosso bom mestre Hideyori acumulou sobre você. A gratidão que lhe devemos é tão profunda como o mar e tão alta como as colinas”.*

A entrega da mulher ao bem do marido, do lar e da família era tão voluntária e honrosa quanto a entrega do homem ao bem do seu senhor e do seu país. A auto-renúncia, sem a qual nenhum enigma da vida pode ser resolvido, foi a tônica da Lealdade do homem, bem como da Domesticidade da mulher. Ela não era mais escrava do homem do que o marido do seu senhor feudal, e o papel que desempenhava era reconhecido como *Naijo*, “*a ajuda interior*”. Na escala ascendente de serviço estava a mulher, que se aniquilou pelo homem, para que ele pudesse se aniquilar pelo mestre, para que ele, por sua vez, pudesse obedecer ao céu. Conheço a fraqueza deste ensinamento e que a superioridade do Cristianismo não é mais manifesta em nenhum lugar do que aqui, na medida em que exige de cada alma viva uma responsabilidade direta para com o seu Criador. No entanto, no que diz respeito à doutrina do serviço – o serviço a uma causa superior a si mesmo, mesmo com o sacrifício da individualidade; Digo a doutrina do serviço, que é a maior que Cristo pregou e é a tônica sagrada de sua missão – no que diz respeito a isso, o Bushido é baseado na verdade eterna.

Meus leitores não me acusarão de preconceito indevido em favor da rendição servil da vontade. Aceito em grande parte a visão avançada com amplo conhecimento e defendida com profundidade de pensamento por Hegel, de que a história é o desdobramento e a realização da liberdade. O que quero salientar é que todo o ensinamento do Bushido estava tão profundamente imbuído do espírito de auto-sacrifício, que era exigido não apenas da mulher, mas também do homem. Portanto, até que a influência dos seus Preceitos seja totalmente eliminada, a nossa sociedade não compreenderá a visão precipitadamente expressa por um expoente americano dos direitos da mulher, que exclamou: “*Que todas as filhas do Japão se levantem em revolta contra os costumes antigos!*” Essa revolta pode ter sucesso? Isso melhorará o status feminino? Será que os direitos que ganham através de tal processo sumário compensarão a perda daquela doçura de disposição, daquela gentileza de maneiras, que são a sua herança actual? A perda da domesticidade por parte das matronas romanas, seguida de corrupção moral, não era demasiado grosseira para ser mencionada? Pode o reformador americano assegurar-nos que uma revolta das nossas filhas é o verdadeiro rumo a seguir pelo seu desenvolvimento histórico? Estas são questões graves. As mudanças devem e virão sem revoltas! Entretanto, vejamos se o estatuto do belo sexo sob o regime Bushido era realmente tão mau que justificasse uma revolta.

Ouvimos muito sobre o respeito exterior que os cavaleiros europeus prestavam a “*Deus e às damas*” – a incongruência dos dois termos fez Gibbon corar; Hallam também nos diz que a moralidade da cavalaria era grosseira, que a bravura implicava amor ilícito. O efeito da cavalaria no navio mais fraco foi motivo de reflexão por parte dos filósofos, M. Guizot afirmando que o feudalismo e a cavalaria exerceram influências benéficas, enquanto o Sr. Spencer nos diz que numa sociedade militante (e o que é a sociedade feudal senão militante ?) a posição da mulher é necessariamente baixa, melhorando apenas à medida que a sociedade se torna mais industrial. Ora, a teoria do sr. Guizot é verdadeira em relação ao Japão, ou a do sr. Spencer? Em resposta, posso afirmar que ambos estão certos. A classe militar no Japão

estava restrita aos samurais, compreendendo quase 2.000.000 de almas. Acima deles estavam os nobres militares, os *daimio*, e os nobres da corte, os *kugé* — estes nobres superiores, sibaritas, sendo lutadores apenas no nome. Abaixo deles estavam massas de pessoas comuns — mecânicos, comerciantes e camponeses — cuja vida foi dedicada às artes da paz. Assim, pode-se dizer que o que Herbert Spencer apresenta como características de um tipo de sociedade militante se limitou exclusivamente à classe dos samurais, enquanto as do tipo industrial eram aplicáveis às classes acima e abaixo dela. Isto é bem ilustrado pela posição da mulher; pois em nenhuma classe ela experimentou menos liberdade do que entre os samurais. É estranho dizer que quanto mais baixa a classe social — como, por exemplo, entre os pequenos artesãos — mais igualitária era a posição de marido e mulher. Também entre a alta nobreza a diferença nas relações entre os sexos era menos acentuada, principalmente porque havia poucas ocasiões para dar destaque às diferenças de sexo, tendo o nobre ocioso tornado-se literalmente efeminado. Assim, a máxima de Spencer foi plenamente exemplificada no Antigo Japão. Quanto à apresentação de Guizot, quem ler a sua apresentação de uma comunidade feudal lembrar-se-á de que ele tinha especialmente em consideração a nobreza superior, pelo que a sua generalização se aplica ao *daimio* e ao *kugé*.

Serei culpado de grave injustiça para com a verdade histórica se as minhas palavras derem a alguém uma opinião muito negativa sobre o estatuto da mulher sob o Bushido. Não hesito em afirmar que ela não foi tratada como igual ao homem; mas até aprendermos a discriminar entre diferenças e desigualdades, sempre haverá mal-entendidos sobre este assunto.

Quando pensamos em quão poucos aspectos os homens são iguais entre si, *por exemplo*, perante os tribunais ou as sondagens eleitorais, parece inútil preocuparmo-nos com uma discussão sobre a igualdade dos sexos. Quando a Declaração de Independência Americana disse que todos os homens foram criados iguais, não fez referência aos seus dons mentais ou físicos: simplesmente repetiu o que Ulpiano anunciou há muito tempo, que perante a lei todos os homens são iguais. Os

direitos legais eram, neste caso, a medida de sua igualdade. Se a lei fosse a única escala pela qual se pudesse medir a posição da mulher numa comunidade, seria tão fácil saber qual a sua posição como dar-lhe avoirdupois em libras e onças. Mas a questão é: existe um padrão correto na comparação da posição social relativa dos sexos? Será correcto, será suficiente comparar o estatuto da mulher com o do homem, tal como o valor da prata é comparado com o do ouro, e fornecer a proporção numericamente? Tal método de cálculo exclui da consideração o tipo de valor mais importante que um ser humano possui; ou seja, o intrínseco. Tendo em conta a multiplicidade de requisitos para fazer com que cada sexo cumpra a sua missão terrena, o padrão a adoptar para medir a sua posição relativa deve ser de carácter composto; ou, recorrendo à linguagem económica, deve ser um padrão múltiplo. O Bushido tinha um padrão próprio e era um binómio. Tentou avaliar o valor da mulher no campo de batalha e junto ao lar. Lá ela contava muito pouco; aqui para todos. O tratamento dispensado a ela correspondia a esta dupla medida; como unidade sócio-política, não muito, enquanto como esposa e mãe ela recebia o maior respeito e o mais profundo afeto. Por que, entre uma nação tão militar como os romanos, suas matronas eram tão veneradas? Não foi porque eram *matronas*, mães? Não como lutadores ou legisladores, mas como suas mães faziam os homens se curvarem diante deles. Então conosco. Enquanto os pais e os maridos estavam ausentes no campo ou no acampamento, o governo da família ficava inteiramente nas mãos das mães e das esposas. A educação dos jovens, até mesmo a sua defesa, foi-lhes confiada. Os exercícios bélicos das mulheres, dos quais falei, destinavam-se principalmente a capacitá-las a dirigir e acompanhar de forma inteligente a educação dos seus filhos.

Tenho notado uma noção um tanto superficial que prevalece entre estrangeiros mal informados, de que, como a expressão japonesa comum para a esposa é “*minha esposa rústica*” e coisas do gênero, ela é desprezada e tida em pouca estima. Quando se diz que frases como “*meu pai tolo*”, “*meu filho porco*”, “*meu eu desajeitado*”, etc., são de uso corrente, não é a resposta suficientemente clara?

Para mim, parece que a nossa ideia de união conjugal vai, em alguns aspectos, mais longe do que a chamada cristã. “*Homem e mulher serão uma só carne*”. O individualismo anglo-saxónico não pode abandonar a ideia de que marido e mulher são duas pessoas; portanto, quando discordam, os seus *direitos separados* são reconhecidos e, quando concordam, esgotam o seu vocabulário com toda a espécie de apelidos tolos e lisonjas sem sentido. Parece altamente irracional aos nossos ouvidos quando um marido ou esposa fala com terceiros sobre sua outra metade – melhor ou pior – como sendo adorável, inteligente, gentil e tudo o mais. É de bom gosto falar de si mesmo como “*meu eu brilhante*”, “*minha adorável disposição*” e assim por diante? Achamos que elogiar a própria esposa ou o próprio marido é elogiar uma parte de si mesmo, e o auto-elogio é considerado, para dizer o mínimo, de mau gosto entre nós, e, espero, entre as nações cristãs também! Eu divergi um pouco porque a degradação educada do consorte era um uso mais em voga entre os samurais.

As raças teutônicas iniciam a sua vida tribal com um respeito supersticioso pelo belo sexo (embora isto esteja realmente a passar na Alemanha!), e os americanos iniciam a sua vida social sob a dolorosa consciência da insuficiência numérica das mulheres<sup>[26]</sup> (que, que estão agora a aumentar, estão, temo, a perder rapidamente o prestígio de que gozavam as suas mães coloniais), o respeito que o homem presta à mulher tornou-se, na civilização ocidental, o principal padrão de moralidade. Mas na ética marcial do Bushido, o principal divisor de águas que divide o bom e o mau foi procurado em outro lugar. Localizava-se ao longo da linha do dever que ligava o homem à sua própria alma divina e depois a outras almas, nas cinco relações que mencionei na primeira parte deste artigo. Destes, trouxemos ao conhecimento do nosso leitor, Lealdade, a relação entre um homem como vassalo e outro como senhor. Quanto ao resto, detive-me apenas incidentalmente conforme a ocasião se apresentou; porque não eram peculiares ao Bushido. Fundamentados em afeições naturais, só poderiam ser comuns a toda a humanidade, embora em alguns aspectos possam ter sido acentuados pelas condições induzidas pelos seus ensinamentos. Neste contexto,

surge diante de mim a força e a ternura peculiares da amizade entre homem e homem, que muitas vezes acrescentava ao vínculo de fraternidade uma ligação romântica sem dúvida intensificada pela separação dos sexos na juventude – uma separação que negava à afeição o canal natural aberto para ele na cavalaria ocidental ou no livre comércio das terras anglo-saxônicas. Eu poderia preencher páginas com versões japonesas da história de Damon e Pítias ou Aquiles e Pátroclos, ou contar, no jargão Bushido, sobre laços tão solidários quanto aqueles que uniam Davi e Jônatas.

Não é surpreendente, contudo, que as virtudes e os ensinamentos únicos nos Preceitos da Cavalaria não tenham permanecido circunscritos à classe militar. Isso nos faz apressar a consideração da Influência do Bushido.

# A INFLUÊNCIA DO BUSHIDO

Trouxemos à vista apenas alguns dos picos mais proeminentes que se elevam acima da gama de virtudes cavaleirescas, em si muito mais elevados do que o nível geral da nossa vida nacional. Assim como o sol, ao nascer, primeiro atinge os picos mais altos com uma tonalidade avermelhada e depois gradualmente lança seus raios sobre o vale abaixo, o sistema ético que primeiro iluminou a ordem militar atraiu, com o passar do tempo, seguidores dentre as massas. A democracia cria um príncipe natural para o seu líder, e a aristocracia infunde um espírito principesco entre o povo. As virtudes não são menos contagiosas que os vícios. “*Só é necessário um homem sábio numa empresa, e todos são sábios, tão rápido é o contágio*”, diz Emerson. Nenhuma classe social ou casta pode resistir ao poder difusivo da influência moral.

Por mais que falemos da marcha triunfante da liberdade anglo-saxônica, raramente ela recebeu impulso das massas. Não foi antes o trabalho dos escudeiros e *cavaleiros*? M. Taine diz com muita verdade: “*Essas três sílabas, conforme usadas em todo o canal, resumem a história da sociedade inglesa*”. A democracia pode dar respostas autoconfiantes a tal afirmação e lançar de volta a questão: “*Quando Adão caiu e Eva escapou, onde estava então o cavaleiro?*” Ainda mais pena que um cavaleiro não estivesse presente no Éden! Os primeiros pais sentiram muita falta dele e pagaram um preço alto por sua ausência. Se ele estivesse lá, não apenas o jardim teria sido decorado com mais bom gosto, mas eles teriam aprendido, sem experiência dolorosa, que a desobediência a Jeová era deslealdade e desonra, traição e rebelião.

O que o Japão era ela devia ao samurai. Eles não eram apenas a flor da nação, mas também a sua raiz. Todos os graciosos dons do Céu fluíram através deles. Embora se mantivessem socialmente distantes da população,

estabeleceram-lhes um padrão moral e guiaram-nos pelo seu exemplo. Admito que o Bushido teve seus ensinamentos esotéricos e exotéricos; estes eram eudemonistas, zelando pelo bem-estar e felicidade da comunidade, enquanto aqueles eram aretaicos, enfatizando a prática das virtudes por si mesmas.

Nos dias mais cavalheirescos da Europa, os Cavaleiros formavam numericamente apenas uma pequena fração da população, mas, como diz Emerson: “*Na literatura inglesa, metade do drama e todos os romances, de Sir Philip Sidney a Sir Walter Scott, pintam esta figura (do cavaleiro)*”. Escreva no lugar de Sidney e Scott, Chikamatsu e Bakin, e você terá em poucas palavras as principais características da história literária do Japão.

As inúmeras avenidas de diversão e instrução popular — os teatros, as barracas dos contadores de histórias, os estrados dos pregadores, as recitações musicais, os romances — tomaram como tema principal as histórias dos samurais. Os camponeses em volta da fogueira em suas cabanas não se cansam de repetir as conquistas de Yoshitsuné e de seu fiel servidor Benkei, ou dos dois bravos irmãos Soga; os ouriços-escuros escutam com a boca aberta até que o último graveto se apague e o fogo morra nas brasas, deixando ainda seus corações incandescentes com a história que é contada. Os balconistas e os vendedores, depois de terminado o dia de trabalho e o *amado*<sup>[27]</sup> da loja fechado, reúnem-se para contar a história de Nobunaga e Hidéyoshi até altas horas da noite, até que o sono toma conta dos seus olhos cansados e os transporta do trabalho penoso do contador às fações do campo. O bebê que está começando a brincar aprende a balbuciar as aventuras de Momotaro, o ousado conquistador da terra dos ogros. Até as meninas estão tão imbuídas do amor pelos feitos e virtudes cavalheirescas que, como Desdêmona, estariam seriamente inclinadas a devorar com ouvidos gananciosos o romance do samurai.

O samurai tornou-se o *belo ideal* de toda a raça. “*Assim como entre as flores a cereja é a rainha, entre os homens o samurai é o senhor*”, cantava a população. Excluída das atividades comerciais, a própria classe militar não ajudou o comércio; mas não havia nenhum canal de atividade humana,

nenhuma via de pensamento, que não recebesse, em certa medida, um impulso do Bushido. O Japão intelectual e moral foi direta ou indiretamente obra da Cavalaria.

Mallock, no seu livro extremamente sugestivo, *“Aristocracia e Evolução”*, disse-nos eloquentemente que *“a evolução social, na medida em que não é biológica, pode ser definida como o resultado não intencional das intenções dos grandes homens”*; além disso, esse progresso histórico é produzido por uma luta *“não entre a comunidade em geral, para viver, mas uma luta entre uma pequena secção da comunidade para liderar, dirigir, empregar a maioria da melhor maneira”*. Independentemente do que se possa dizer sobre a solidez do seu argumento, estas afirmações são amplamente verificadas no papel desempenhado por bushi no progresso social, até onde foi, do nosso Império.

A forma como o espírito do Bushido permeou todas as classes sociais também é demonstrada no desenvolvimento de uma certa ordem de homens, conhecida como *otoko-daté*, os líderes naturais da democracia. Eles eram companheiros leais, cada centímetro deles forte com a força de uma masculinidade maciça. Ao mesmo tempo porta-vozes e guardiões dos direitos populares, cada um deles tinha um séquito de centenas e milhares de almas que ofereciam da mesma forma que os samurais faziam ao daimio, o serviço voluntário de *“membros e vida, de corpo, bens móveis e honra terrena”*. Apoiados por uma vasta multidão de trabalhadores temerários e impetuosos, aqueles “chefes” natos constituíam um formidável obstáculo à desenfreada ordem das duas espadas.

De diversas maneiras o Bushido foi filtrado da classe social onde se originou e atuou como fermento entre as massas, fornecendo um padrão moral para todo o povo. Os Preceitos da Cavalaria, inicialmente iniciados como a glória da elite, tornaram-se com o tempo uma aspiração e inspiração para a nação em geral; e embora a população não pudesse atingir a altura moral dessas almas mais elevadas, *Yamato Damashii*, a Alma do Japão, acabou por expressar o *Volksgeist* do Reino Insular. Se a religião nada mais é do que *“Moralidade tocada pela emoção”*, como a define Matthew Arnold, poucos sistemas éticos têm melhor direito à categoria

de religião do que o Bushido. Motoöri colocou em palavras a expressão muda da nação quando canta:

*“Ilhas do abençoado Japão!  
Seu espírito Yamato deveria  
Estranhos procuram digitalizar,  
Diga, cheirando o ar ensolarado da manhã,  
A cereja é selvagem e justa!”*

Sim, a *sakura*<sup>[28]</sup> tem sido há muito tempo a favorita do nosso povo e o emblema do nosso caráter. Observe especialmente os termos de definição que o poeta usa, as palavras a *flor de cerejeira silvestre perfumando o sol da manhã*.

O espírito Yamato não é uma planta domesticada e tenra, mas um crescimento selvagem - no sentido de natural; é originário do solo; pode partilhar as suas qualidades acidentais com as flores de outras terras, mas na sua essência continua a ser o produto original e espontâneo do nosso clima. Mas o seu nascimento não é o único direito ao nosso afeto. O requinte e a graça da sua beleza apelam ao *nosso* sentido estético como nenhuma outra flor consegue. Não podemos partilhar a admiração dos Europeus pelas suas rosas, às quais falta a simplicidade da nossa flor. Depois, também, os espinhos que se escondem sob a doçura da rosa, a tenacidade com que ela se agarra à vida, como se relutasse ou tivesse medo de morrer em vez de cair prematuramente, preferindo apodrecer no caule; suas cores vistosas e seus odores fortes – todos esses são traços tão diferentes de nossa flor, que não carrega nenhum punhal ou veneno sob sua beleza, que está sempre pronta para deixar a vida ao chamado da natureza, cujas cores nunca são lindas e cuja leve fragrância nunca mortalha. A beleza da cor e da forma é limitada em sua exibição; é uma qualidade fixa de existência, enquanto a fragrância é volátil, etérea como o sopro da vida. Assim, em todas as cerimônias religiosas, o olíbano e a mirra desempenham um papel proeminente. Há algo de espiritual na redolência. Quando o delicioso perfume da *sakura* acelera o ar da manhã, à medida que o sol nasce em seu curso para iluminar primeiro as ilhas do Extremo Oriente,

poucas sensações são mais serenamente estimulantes do que inalar, por assim dizer, o próprio sopro de um lindo dia.

Quando o próprio Criador é retratado tomando novas resoluções em seu coração ao sentir um cheiro doce (Gn. VIII, 21), não é de admirar que a estação de cheiro doce da flor de cerejeira deva fazer com que toda a nação saia de suas pequenas habitações? Não os culpem, se por um tempo seus membros esquecerem seu trabalho e sofrimento e seus corações, suas dores e tristezas. Terminado o breve prazer, eles voltam às tarefas diárias com novas forças e novas resoluções. Assim, em vários aspectos, a sakura é a flor da nação.

Será, então, esta flor, tão doce e evanescente, soprada para onde quer que o vento queira, e, derramando uma lufada de perfume, pronta para desaparecer para sempre, será esta flor o tipo do espírito Yamato? A alma do Japão é tão frágil e mortal?

# O BUSHIDO AINDA ESTÁ VIVO?

Ou será que a civilização ocidental, na sua marcha através da terra, já eliminou todos os vestígios da sua antiga disciplina?

Seria uma coisa triste se a alma de uma nação pudesse morrer tão rápido. Essa era uma pobre alma que poderia sucumbir tão facilmente a influências estranhas. O conjunto de elementos psicológicos que constituem um carácter nacional é tão tenaz como os “*elementos irreduzíveis das espécies, das barbatanas dos peixes, do bico do pássaro, do dente do animal carnívoro*”. Em seu livro recente, cheio de afirmações superficiais e generalizações brilhantes, M. LeBon<sup>[29]</sup> diz: “*As descobertas devidas à inteligência são o patrimônio comum da humanidade; qualidades ou defeitos de carácter constituem patrimônio exclusivo de cada povo: são a rocha firme que as águas devem lavar dia após dia durante séculos, antes que possam desgastar até mesmo suas asperezas externas*”. São palavras fortes e sobre as quais valeria muito a pena ponderar, desde que existissem qualidades e defeitos de carácter que *constituem patrimônio exclusivo* de cada povo. Teorias esquematizantes desse tipo já haviam sido desenvolvidas muito antes de LeBon começar a escrever seu livro, e foram desmentidas há muito tempo por Theodor Waitz e Hugh Murray. Ao estudar as várias virtudes inculcadas pelo Bushido, recorreremos a fontes europeias para comparação e ilustrações, e vimos que nenhuma qualidade de carácter era o seu patrimônio *exclusivo*. É verdade que o conjunto das qualidades morais apresenta um aspecto bastante singular. É este agregado que Emerson chama de “*resultado composto no qual toda grande força entra como ingrediente*”. Mas, em vez de torná-lo, como faz LeBon, um patrimônio exclusivo de uma raça ou povo, o filósofo Concord o chama de “*um elemento que une as pessoas mais poderosas de cada país; torna-os inteligíveis e agradáveis entre si; e é tão preciso que se sente imediatamente se um indivíduo não tem o sinal maçônico*”.

Não se pode dizer que o carácter que o Bushido imprimiu na nossa nação e nos samurais em particular constitui “*um elemento irreduzível da espécie*”, mas, no entanto, quanto à vitalidade que retém, não há dúvida. Se o Bushido fosse uma mera força física, o impulso que ganhou nos últimos setecentos anos não poderia parar tão abruptamente. Se fosse transmitido apenas pela hereditariedade, a sua influência deveria ser imensamente difundida. Basta pensar, como calculou M. Cheysson, um economista francês, que supondo que existam três gerações num século, “*cada um de nós teria nas veias o sangue de pelo menos vinte milhões de pessoas que viveram no ano 1000 dC*”. O mais mero camponês que arranca a terra, “*curvado pelo peso dos séculos*”, tem nas veias o sangue dos séculos e é, portanto, um irmão para nós tanto quanto “*do boi*”.

Poder inconsciente e irresistível, o Bushido tem movido a nação e os indivíduos. Foi uma confissão honesta da raça quando Yoshida Shôin, um dos mais brilhantes pioneiros do Japão Moderno, escreveu na véspera de sua execução a seguinte estrofe:

*“Eu sabia muito bem que esse curso terminaria em morte;*

*Foi o espírito de Yamato que me incentivou*

*Para ousar o que quer que seja”.*

Não formulado, o Bushido foi e ainda é o espírito animador, a força motriz do nosso país.

O Sr. Ransome diz que “*hoje existem três Japões distintos, lado a lado: o antigo, que não morreu totalmente; o novo, que mal nasceu, exceto em espírito; e a transição, que agora atravessa os seus momentos mais críticos*”. Embora isto seja verdade na maioria dos aspectos, e particularmente no que diz respeito às instituições tangíveis e concretas, a afirmação, aplicada às noções éticas fundamentais, requer algumas modificações; para o Bushido, o criador e produto do Antigo Japão, ainda é o princípio orientador da transição e provará a força formativa da nova era.

Os grandes estadistas que dirigiram o navio do nosso estado através do furacão da Restauração e do redemoinho do

rejuvenescimento nacional eram homens que não conheciam nenhum outro ensinamento moral além dos Preceitos da Cavalaria. Alguns escritores<sup>[30]</sup> tentaram recentemente provar que os missionários cristãos contribuíram com uma cota apreciável para a construção do Novo Japão. Eu de bom grado prestaria honra a quem a honra é devida: mas esta honra dificilmente pode ser concedida aos bons missionários. Será mais adequado para a sua profissão ater-se à injunção bíblica de preferirem uns aos outros em honra, do que apresentar uma afirmação na qual não têm provas para apoiá-la. Quanto a mim, acredito que os missionários cristãos estão fazendo grandes coisas pelo Japão – no domínio da educação, e especialmente da educação moral: apenas, a misteriosa, embora não menos certa, operação do Espírito ainda está escondida no segredo divino. Tudo o que eles fazem ainda tem efeito indireto. Não, até agora as missões cristãs tiveram um efeito pouco visível na moldagem do caráter do Novo Japão. Não, foi o Bushido, puro e simples, que nos incentivou ao bem ou ao mal. Abra as biografias dos criadores do Japão Moderno – de Sakuma, de Saigo, de Okubo, de Kido, para não mencionar as reminiscências de homens vivos como Ito, Okuma, Itagaki, etc.: e você descobrirá que estava sob o ímpeto da condição de samurai que eles pensaram e criaram. Henry Norman declarou, após seu estudo e observação do Extremo Oriente<sup>[31]</sup>, que apenas o aspecto em que o Japão diferia de outros despotismos orientais residia na *“influência dominante entre seu povo dos mais rigorosos, mais elevados e mais códigos de honra meticulosos que o homem já inventou”*, ele tocou a fonte principal que fez do novo Japão o que ele é e que fará dele o que está destinado a ser.

A transformação do Japão é um fato patente em todo o mundo. Numa obra de tal magnitude, vários motivos entraram naturalmente; mas se alguém nomeasse o principal, não hesitaria em nomear o Bushido. Quando abrimos todo o país ao comércio externo, quando introduzimos as mais recentes melhorias em todos os departamentos da vida, quando começamos a estudar a política e as ciências ocidentais, o nosso motivo orientador não foi o desenvolvimento dos nossos recursos físicos e o aumento da riqueza; muito menos foi uma

imitação cega dos costumes ocidentais. Um observador atento das instituições e dos povos orientais escreveu: “*Todos os dias somos informados de como a Europa influenciou o Japão, e esquecemos que a mudança naquelas ilhas foi inteiramente autogerada, que os europeus não ensinaram o Japão, mas que o próprio Japão optou por aprender com a Europa os métodos de organização, civis e militares, que até agora se revelaram bem sucedidos. Ela importou a ciência mecânica europeia, como os turcos, anos antes, importaram a artilharia europeia. Isso não é exactamente influência*”, continua o Sr. Townsend, “*a menos que, de facto, a Inglaterra seja influenciada pela compra de chá da China. Onde está o apóstolo europeu*”, pergunta o nosso autor, “*ou o filósofo, o estadista ou o agitador que refez o Japão?*”<sup>[32]</sup> O Sr. Townsend percebeu bem que a fonte de ação que provocou as mudanças no Japão estava inteiramente dentro de nós mesmos; e se ele tivesse apenas investigado a nossa psicologia, os seus aguçados poderes de observação tê-lo-iam facilmente convencido de que aquela primavera não era outra senão o Bushido. O senso de honra que não suporta ser desprezado como um poder inferior – esse era o mais forte dos motivos. Considerações pecuniárias ou industriais foram despertadas mais tarde no processo de transformação.

A influência do Bushido ainda é tão palpável que quem corre pode ler. Um vislumbre da vida japonesa irá torná-la manifesta. Leia Hearn, o intérprete mais eloquente e verdadeiro da mente japonesa, e você verá que o funcionamento dessa mente é um exemplo do funcionamento do Bushido. A polidez universal do povo, que é o legado dos costumes cavaleirescos, é demasiado conhecida para ser repetida novamente. A resistência física, a coragem e a bravura que “*o pequeno japonês*” possui foram suficientemente comprovadas na guerra China-Japonesa<sup>[33]</sup>. “*Existe alguma nação mais leal e patriótica?*” é uma pergunta feita por muitos; e pela resposta orgulhosa: “*Não existe*”, devemos agradecer aos Preceitos da Cavalaria.

Por outro lado, é justo reconhecer que pelas próprias falhas e defeitos do nosso carácter, o Bushido é em grande parte responsável. A nossa falta de filosofia abstrusa – embora

alguns dos nossos jovens já tenham conquistado reputação internacional em pesquisas científicas, nenhum deles tenha conseguido nada em termos filosóficos – pode ser atribuída à negligência do treino metafísico sob o regime de educação do Bushido. Nosso senso de honra é responsável por nossa sensibilidade e suscetibilidade exageradas; e se existe em nós a presunção de que alguns estrangeiros nos acusam, isso também é um resultado patológico da honra.

Você já viu em sua viagem ao Japão muitos jovens com cabelos desgrenhados, vestidos com as roupas mais surradas, carregando na mão uma grande bengala ou um livro, andando pelas ruas com um ar de total indiferença às coisas mundanas? Ele é o *shosei* (estudante), para quem a terra é pequena demais e os céus não são altos o suficiente. Ele tem suas próprias teorias do universo e da vida. Ele mora em castelos de ar e se alimenta de palavras etéreas de sabedoria. Nos seus olhos brilha o fogo da ambição; sua mente está sedenta de conhecimento. A penúria é apenas um estímulo para levá-lo adiante; os bens mundanos são, à sua vista, algemas de seu caráter. Ele é o repositório da Lealdade e do Patriotismo. Ele é o guardião autoimposto da honra nacional. Com todas as suas virtudes e defeitos, ele é o último fragmento do Bushido.

Profundamente enraizado e poderoso como ainda é o efeito do Bushido, eu disse que é uma influência inconsciente e muda. O coração do povo responde, sem saber a razão, a qualquer apelo feito ao que herdou e, portanto, a mesma ideia moral expressa num termo recentemente traduzido e num antigo termo Bushido, tem um grau de eficácia muito diferente. Um cristão apóstata, a quem nenhuma persuasão pastoral poderia ajudar contra a tendência descendente, foi revertido de seu curso por um apelo feito à sua lealdade, a fidelidade que uma vez jurou ao seu Mestre. A palavra “*Lealdade*” reavivou todos os sentimentos nobres que foram permitidos crescerem mornos. Um bando de jovens indisciplinados envolvidos numa longa e contínua “greve estudantil” numa faculdade, devido à sua insatisfação com um certo professor, dissolveu-se devido a duas simples perguntas feitas pelo Diretor: “*O seu professor é um personagem irrepreensível? Nesse caso, você deveria respeitá-lo e mantê-*

*lo na escola. Ele é fraco? Se for assim, não é viril empurrar um homem que cai*". A incapacidade científica do professor, que foi o início do problema, tornou-se insignificante em comparação com as questões morais sugeridas. Ao despertar os sentimentos alimentados pelo Bushido, uma renovação moral de grande magnitude pode ser alcançada.

Uma causa do fracasso do trabalho missionário é que a maioria dos missionários são grosseiramente ignorantes da nossa história – “*O que nos importa os registros pagãos?*” dizem alguns – e, conseqüentemente, distanciam sua religião dos hábitos de pensamento aos quais nós e nossos antepassados estávamos acostumados durante séculos passados. Zombando da história de uma nação! Como se a carreira de qualquer povo, mesmo dos mais baixos selvagens africanos que não possuem nenhum registro, não fosse uma página na história geral da humanidade, escrita pela mão do próprio Deus. As raças perdidas são um palimpsesto a ser decifrado por um olhar atento. Para uma mente filosófica e piedosa, as próprias raças são marcas da quirografia Divina claramente traçadas em preto e branco como em sua pele; e se esta comparação for válida, a raça amarela forma uma página preciosa inscrita em hieróglifos de ouro! Ignorando a carreira passada de um povo, os missionários afirmam que o Cristianismo é uma nova religião, ao passo que, a meu ver, é uma “*velha, velha história*”, que, se apresentada em palavras inteligíveis, isto é, se expressa em o vocabulário familiar no desenvolvimento moral de um povo – encontrará facilmente alojamento nos seus corações, independentemente da raça ou nacionalidade. O Cristianismo na sua forma americana ou inglesa – com mais aberrações e fantasias anglo-saxónicas do que a graça e a pureza do seu fundador – é um descendente pobre para enxertar na linhagem do Bushido. Deveria o propagador da nova fé arrancar todo o tronco, raízes e ramos, e plantar as sementes do Evangelho no solo devastado? Tal processo heróico pode ser possível – no Havaí, onde, alega-se, o militante da igreja teve sucesso completo em acumular despojos de riqueza e em aniquilar a raça aborígine: tal processo é decididamente impossível no Japão – não, é é um processo que o próprio Jesus nunca teria empregado na fundação do seu reino na terra. Cabe a nós levar mais a sério

as seguintes palavras de um homem santo, cristão devoto e estudioso profundo: *“Os homens dividiram o mundo em pagão e cristão, sem considerar quanto bem pode ter sido escondido em um, ou quanto o mal pode ter sido misturado com o outro. Compararam o melhor de si mesmos com o pior dos seus vizinhos, o ideal do Cristianismo com a corrupção da Grécia ou do Oriente. Eles não visaram a imparcialidade, mas contentaram-se em acumular tudo o que poderia ser dito em louvor à sua própria religião e em descrédito de outras formas de religião”*<sup>[34]</sup>.

Mas, seja qual for o erro cometido pelos indivíduos, não há dúvida de que o princípio fundamental da religião que professam é um poder que devemos levar em conta ao avaliar o Futuro do Bushido, cujos dias parecem já estar contados.

# O FUTURO DO BUSHIDO

Sinais sinistros estão no ar, que pressagiam o seu futuro. Não apenas sinais, mas forças temíveis estão em ação para ameaçá-lo.

Poucas comparações históricas podem ser feitas de forma mais criteriosa do que entre a Cavalaria da Europa e o Bushido do Japão e, se a história se repetir, certamente fará com o destino deste último o que fez com o do primeiro. As causas particulares e locais para a decadência da Cavalaria apresentadas por São Palaye têm, é claro, pouca aplicação às condições japonesas; mas as causas maiores e mais gerais que ajudaram a minar a Cavalaria e a Cavalaria durante e após a Idade Média estão certamente a contribuir para o declínio do Bushido.

Uma diferença notável entre a experiência da Europa e a do Japão é que, enquanto na Europa, quando a cavalaria foi afastada do feudalismo e adoptada pela Igreja, obteve um novo sopro de vida, no Japão nenhuma religião era suficientemente grande para a alimentar; portanto, quando a instituição-mãe, o feudalismo, desapareceu, o Bushido, deixado órfão, teve que mudar por si mesmo. A actual elaborada organização militar poderá tê-la sob o seu patrocínio, mas sabemos que a guerra moderna pode permitir pouco espaço para o seu crescimento contínuo. O xintoísmo, que o promoveu na sua infância, está, ele próprio, obsoleto. Os antigos sábios da China antiga estão sendo suplantados pelos arrivistas intelectuais do tipo de Bentham e Mill. Teorias morais de tipo confortável, lisonjeiras às tendências chauvinistas da época e, portanto, consideradas bem adaptadas às necessidades de hoje, foram inventadas e propostas; mas até agora ouvimos apenas as suas vozes estridentes ecoando pelas colunas do jornalismo amarelo.

Principados e potestades estão dispostos contra os Preceitos da Cavalaria. Já, como diz Veblen, “*a decadência do código cerimonial – ou, como é chamado de outra forma, a*

*vulgarização da vida – entre as classes industriais propriamente ditas, tornou-se uma das principais enormidades da civilização moderna aos olhos de todas as pessoas de sensibilidades delicadas*”. A maré irresistível da democracia triunfante, que não pode tolerar nenhuma forma ou formato de confiança – e o Bushido era um trust organizado por aqueles que monopolizavam o capital de reserva do intelecto e da cultura, fixando os graus e o valor das qualidades morais – é, por si só, poderosa o suficiente para engolir o remanescente do Bushido. As atuais forças societárias são antagônicas ao espírito de classe mesquinho, e a cavalaria é, como Freeman critica severamente, um espírito de classe. A sociedade moderna, se pretende alguma unidade, não pode admitir “*obrigações puramente pessoais concebidas no interesse de uma classe exclusiva*”<sup>[35]</sup>. Acrescente a isso o progresso da instrução popular, das artes e hábitos industriais, da riqueza e da vida urbana - então poderemos facilmente ver que nem os cortes mais afiados da espada do samurai, nem as flechas mais afiadas disparadas dos arcos mais ousados do Bushido podem fazer alguma coisa. aproveitar. O Estado construído sobre a rocha da Honra e fortalecido pela mesma – devemos chamá-lo de *Ehrenstaat* ou, à maneira de Carlyle, de Heroarquia? De guerra. As palavras que um grande pensador usou ao falar de Teresa e Antígona podem ser apropriadamente repetidas em relação aos samurais, que “o meio em que os seus atos ardentes tomaram forma desapareceu para sempre”.

Ai das virtudes cavalheirescas! ai do orgulho do samurai! A moralidade introduzida no mundo com o som de clarins e tambores está destinada a desaparecer à medida que “*os capitães e os reis partem*”.

Se a história pode nos ensinar alguma coisa, o Estado construído sobre virtudes marciais – seja uma cidade como Esparta ou um Império como Roma – nunca poderá fazer da Terra uma “*cidade contínua*”. Por mais universal e natural que seja o instinto de luta do homem, por mais fecundo que tenha sido em sentimentos nobres e virtudes viris, ele não abrange o homem inteiro. Por trás do instinto de lutar, esconde-se um instinto mais divino de amar. Vimos que o xintoísmo, Mencius e Wan Yang Ming, o ensinaram claramente; mas o Bushido e

todas as outras escolas militantes de ética, absortas, sem dúvida, com questões de necessidade prática imediata, muitas vezes esqueceram-se de enfatizar devidamente este facto. A vida cresceu nestes últimos tempos. Chamados mais nobres e mais amplos do que os de um guerreiro chamam nossa atenção hoje. Com uma visão alargada da vida, com o crescimento da democracia, com um melhor conhecimento de outros povos e nações, a ideia confucionista de Benevolência – ouso acrescentar também a ideia budista de Piedade? – expandir-se-á para a concepção cristã de Amor. Os homens tornaram-se mais do que súditos, tendo crescido até à condição de cidadãos: ou melhor, são mais do que cidadãos, sendo homens.

Embora as nuvens da guerra parem pesadamente sobre o nosso horizonte, acreditaremos que as asas do anjo da paz podem dispersá-las. A história do mundo confirma a profecia de que “os mansos herdarão a terra”. Uma nação que vende o seu direito inato à paz e retrocede da primeira linha do industrialismo para a fileira do filibusterismo, faz realmente um péssimo negócio!

Quando as condições da sociedade mudaram tanto que se tornaram não apenas adversas, mas também hostis ao Bushido, é hora de se preparar para um enterro honroso. É tão difícil apontar quando a cavalaria morre quanto determinar a época exata de seu início. Dr. Miller diz que a cavalaria foi formalmente abolida no ano de 1559, quando Henrique II. da França foi morto em um torneio. Connosco, o édito que aboliu formalmente o feudalismo em 1870 foi o sinal para soar o toque do Bushido. O édito, emitido dois anos depois, proibindo o uso de espadas, ressoava o antigo, *“a graça não comprada da vida, a defesa barata das nações, a enfermeira do sentimento viril e do empreendimento heróico”, ressoava na nova era de “sofistas, economistas e calculistas”*.

Foi dito que o Japão venceu a última guerra com a China por meio de armas Murata e canhões Krupp; foi dito que a vitória foi obra de um sistema escolar moderno; mas estas são menos do que meias verdades. Alguma vez um piano, seja ele da melhor obra de Ehrbar ou Steinway, irrompeu nas Rapsódias de Liszt ou nas Sonatas de Beethoven, sem a mão de um mestre? Ou, se as armas vencem as batalhas, porque é

que Luís Napoleão não venceu os prussianos com a sua *Mitrailleuse*, ou os espanhóis com os seus Mausers, os filipinos, cujas armas não eram melhores que as antiquadas Remingtons? Desnecessário repetir o que se tornou banal, dizendo que é o espírito que vivifica, sem o qual o melhor dos instrumentos pouco aproveita. As armas e os canhões mais aperfeiçoados não disparam por conta própria; o sistema educacional mais moderno não faz de um covarde um herói. Não! O que venceu as batalhas no Yalu, na Coreia e na Manchúria, foram os fantasmas dos nossos pais, guiando as nossas mãos e batendo nos nossos corações. Eles não estão mortos, esses fantasmas, os espíritos dos nossos ancestrais guerreiros. Para quem tem olhos para ver, eles são claramente visíveis. Raspe um japonês das ideias mais avançadas e ele mostrará um samurai. A grande herança de honra, de valor e de todas as virtudes marciais é, como expressa muito apropriadamente o Professor Cramb, “*mas nossa em confiança, o feudo inalienável dos mortos e da geração vindoura*”, e a convocação do presente é para guardar esta herança, nem para abater um só jota do antigo espírito; a convocação do futuro será alargar o seu âmbito de modo a aplicá-lo em todas as esferas e relações da vida.

Foi previsto – e as previsões foram corroboradas pelos acontecimentos do último meio século – que o sistema moral do Japão Feudal, tal como os seus castelos e arsenais, se desintegrará em pó, e uma nova ética surgirá como uma Fênix para liderar o Novo Japão. em seu caminho de progresso. Por mais desejável e provável que seja o cumprimento de tal profecia, não devemos esquecer que uma fênix surge apenas de suas próprias cinzas e que não é uma ave de passagem, nem voa em asas emprestadas de outras aves. “*O Reino de Deus está dentro de você*”. Não vem rolando pelas montanhas, por mais elevadas que sejam; não vem navegando pelos mares, por mais amplos que sejam. “*Deus concedeu*”, diz o Alcorão, “*a cada povo um profeta na sua própria língua*”. As sementes do Reino, conforme atestadas e apreendidas pela mente japonesa, floresceram no Bushido. Agora seus dias estão chegando ao fim – é triste dizê-lo, antes de sua plena fruição – e nos voltamos em todas as direções em busca de outras fontes de doçura e luz, de força e conforto, mas entre elas ainda não foi

encontrado nada que ocupasse seu lugar. A filosofia de lucros e perdas dos utilitaristas e materialistas encontra apoio entre os helicópteros lógicos com meia alma. O único outro sistema ético que é poderoso o suficiente para lidar com o utilitarismo e o materialismo é o cristianismo, em comparação com o qual o Bushido, deve-se confessar, é como “*um pavio ainda fumegante*” que o Messias foi proclamado não para apagar, mas para abanar em um chama. Tal como os Seus precursores hebreus, os profetas – nomeadamente Isaías, Jeremias, Amós e Habacuque – o Bushido colocou ênfase especial na conduta moral dos governantes e dos homens públicos e das nações, enquanto a Ética de Cristo, que trata quase exclusivamente dos indivíduos e dos Seus seguidores pessoais, encontrará cada vez mais aplicação prática à medida que o individualismo, na sua qualidade de factor moral, crescer em potência. A moralidade dominadora e auto-afirmativa de Nietzsche, ela própria semelhante em alguns aspectos ao Bushido, é, se não estou muito enganado, uma fase passageira ou uma reação temporária contra o que ele chama, por distorção mórbida, de humilde, moralidade escrava abnegada do Nazareno.

O Cristianismo e o Materialismo (incluindo o Utilitarismo) – ou será que o futuro os reduzirá a formas ainda mais arcaicas de Hebraísmo e Helenismo? – dividirão o mundo entre eles. Sistemas morais menores aliar-se-ão em ambos os lados para a sua preservação. De que lado o Bushido se alistará? Não tendo nenhum dogma ou fórmula definida para defender, pode dar-se ao luxo de desaparecer como entidade; como a flor de cerejeira, está disposta a morrer à primeira rajada de brisa da manhã. Mas uma extinção total nunca será o seu destino. Quem pode dizer que o estoicismo está morto? Está morto como sistema; mas está viva como uma virtude: a sua energia e vitalidade ainda são sentidas através de muitos canais de vida – na filosofia das nações ocidentais, na jurisprudência de todo o mundo civilizado. Não, onde quer que o homem lute para se elevar acima de si mesmo, onde quer que seu espírito domine sua carne por seus próprios esforços, aí vemos a disciplina imortal de Zenão em ação.

O Bushido como código de ética independente pode desaparecer, mas o seu poder não desaparecerá da terra; suas escolas de destreza marcial ou honra cívica podem ser demolidas, mas sua luz e sua glória sobreviverão por muito tempo às suas ruínas. Tal como a sua flor simbólica, depois de soprada aos quatro ventos, ainda abençoará a humanidade com o perfume com que enriquecerá a vida. Séculos depois, quando seus costumes tiverem sido enterrados e seu próprio nome esquecido, seus odores flutuarão no ar como vindos de uma colina distante e invisível, “o olhar à beira do caminho além”; - então na bela linguagem do poeta Quaker:

*“O viajante é dono do sentido agradecido*

*De doçura próxima, ele não sabe de onde,*

*E, fazendo uma pausa, tira com a testa descoberta*

*A bênção do ar.”*

---

[1] [1] Pronunciado *Boó-shee-doh*. Ao colocar palavras e nomes japoneses em inglês, segue-se a regra de Hepburn, de que as vogais devem ser usadas como nas línguas europeias e as consoantes como em inglês.

[2] *História Filosoficamente Ilustrada*, (3ª Ed. 1853), Vol. II, pág. 2.

[3] Ruskin foi um dos homens mais gentis e amantes da paz que já existiu. No entanto, ele acreditava na guerra com todo o fervor de um adorador da vida árdua. “Quando vos digo”, diz ele na Coroa de Oliveira Selvagem, “que a guerra é o fundamento de todas as artes, quero dizer também que é o fundamento de todas as elevadas virtudes e faculdades dos homens. É muito estranho para mim descobrir isso, e muito terrível, mas vi que era um fato inegável. \* \* \* Descobri, em resumo, que todas as grandes nações aprenderam a verdade da palavra e a força do pensamento na guerra; que foram nutridos pela guerra e destruídos pela paz, ensinados pela guerra e enganados pela paz; treinado pela guerra e traído pela paz; em uma palavra, que nasceram na guerra e morreram em paz”.

[4] Lafcadio Hearn, *Exóticos e Retrospectivas*, p. 84.

[5] *O Povo Inglês*, pág. 188.

[6] *Japão Feudal e Moderno*, Vol. I, pág. 183.

[7] Miwa Shissai.

[8] Burke, *Revolução Francesa*.

- [9] Um instrumento musical, semelhante ao violão.
- [10] O uguisu ou toutinegra, às vezes chamado de rouxinol do Japão.
- [11] *Teoria da Classe e Lazer*, NY 1899, p. 46.
- [12]. Etimologicamente: bem assentado.
- [13]. Rolos pendurados, que podem ser pinturas ou ideogramas, usados para fins decorativos.
- [14] Peery, *A essência do Japão*, p. 86.
- [15] Knapp, *Japão Feudal e Moderno*, Vol. I, Ch. 4. Ransome, *Japão em Transição*, cap. VIII.
- [16] *Filosofia da História* (trad. Eng. por Sibree), Pt. IV, Seç. II, cap. IV.
- [17] *Religiões do Japão*.
- [18] *Princípios de Ética*, Vol. I, Pe. II, cap. X.
- [19]. Sentado – isto é, à moda japonesa, com os joelhos e dedos dos pés tocando o chão e o corpo apoiado nos calcanhares. Nesta posição, que é de respeito, permaneceu até a sua morte.
- [20] Eu uso a tradução do Dr. Legge literalmente.
- [21] Morselli, *Suicídio*, p. 314.
- [22] *Suicídio e Insanidade*.
- [23] O jogo *go* às vezes é chamado de damas japonesas, mas é muito mais complexo do que o jogo inglês. O tabuleiro contém 361 quadrados e supostamente representa um campo de batalha – o objetivo do jogo é ocupar o máximo de espaço possível.
- [24] Lecky, *História da Moral Europeia II*, p. 383.
- [25] Para uma explicação muito sensata sobre nudez e banho, veja *Lotos Time in Japan*, de Finck, pp. 286-297.
- [26] Refiro-me àqueles dias em que as meninas eram importadas da Inglaterra e dadas em casamento por tantas libras de tabaco, etc.
- [27]. Persianas externas.
- [28]. *Cerasus pseudo-cerasus*, Lindley.
- [29] *A Psicologia dos Povos*, p. 33.
- [30] Speer: *Missões e Política na Ásia*, Palestra IV, pp. 189-190; Dennis: *Missões Cristãs e Progresso Social*, Vol. I, pág. 32, Vol. II, pág. 70, etc.
- [31] *O Extremo Oriente*, pág. 375.
- [32] Meredith Townsend, *Ásia e Europa*, NY, 1900, 28.
- [33] Entre outros trabalhos sobre o assunto, leia Eastlake e Yamada em *Heroic Japan*, e Diosy em *The New Far East*.
- [34] Jowett, *Sermões sobre Fé e Doutrina*, II.

[35] *Conquista Normanda*, Vol. V, pág. 482.